

MARCO RODRIGUES DA SILVA

EM NOME DE DEUS OU DA POLÍTICA?
COMPORTAMENTOS DAS IGREJAS EVANGÉLICAS EM CAMPINA
GRANDE
(1964 – 1984)

CAMPINA GRANDE, MAIO DE 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

EM NOME DE DEUS OU DA POLÍTICA?
COMPORTAMENTOS DAS IGREJAS EVANGÉLICAS EM CAMPINA
GRANDE
(1964 – 1984)

Monografia apresentada ao curso de História
para obtenção do título de Licenciatura em
História na Universidade Federal de
Campina Grande, pelo aluno Marco
Rodrigues da Silva

Orientador: Iranilson Buriti de Oliveira

Campina Grande
Maio de 2007

MARCO RODRIGUES DA SILVA

EM NOME DE DEUS OU DA POLÍTICA?
COMPORTAMENTOS DAS IGREJAS EVANGÉLICAS
EM CAMPINA GRANDE (1964 – 1984)

Monografia apresentada em: _____ / _____ / _____

Banca Examinadora:

Iranilson Buriti de Oliveira
(orientador)

Eronides Câmara Donato
(examinadora)

Silêde Leila O. Cavalcanti
(examinadora)

Campina Grande
Maio de 2007



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu avô, Sr. Apolinário (in memoriam), por trazer momentos maravilhosos à minha vida.

Agradecimentos

Acredito que escrever essas páginas de agradecimento é uma tarefa tão difícil como escrever essa produção textual, mas tem uma importância ímpar, pois é o registro de cinco anos de lutas, aventuras, inspirações e momentos que marcaram e sempre marcarão tanto minha trajetória profissional quanto pessoal. Tudo o que aconteceu, a despeito dos deslizes ou dos acertos, foi de grande relevância para a minha carreira acadêmica. O apoio que tive veio de diversas formas, seja de advertências por não estabelecer um aporte teórico adequado ou por pedir mais prazo de entrega, seja para melhorar minhas “piadas” ou até mesmo conselhos para não desistir (o que foi o principal). Não me arrependo nem um pouco de ter optado em adentrar no campo do saber histórico, visto que a História é um elemento vital não somente no próprio cotidiano, mas que para mim tem sido um *hobby*, um momento de adquirir conhecimento para desfrutá-la e devorá-la intensamente. Para mim, História não é simplesmente uma disciplina acadêmica fundamental, é um lazer que nos acompanha a cada dia.

Sendo estas linhas feitas para registro de meus agradecimentos, então começo agradecendo a Deus (que os ateus me perdoem), pois tudo o que faço na minha vida não é fruto de um simples acaso ou da efemeridade humana. Tudo o que consigo é resultado de uma ação incompreensível pelo homem, portanto acredito que esse Infinito existe, nos dando a oportunidade de compreender novos sentidos a cada dia.

A minha família foi importante para que eu chegasse a esse momento. O Sr. Geraldo Apolinário (in memorian) foi muito importante para minha trajetória, pois mesmo não tendo as devidas condições financeiras para obter o máximo possível de material, soube com suas palavras me dar o incentivo suficiente para que eu chegasse aonde cheguei. A Sra. Maria da Guia Silva, apesar de no início não concordar com a idéia de ser historiador, deu grande

exemplo de paciência para que eu também atravessasse os obstáculos e “matasse os demônios” no tempo certo. Aos meus irmãos Luiz Carlos e Marcelo Apolinário, também dedico essas linhas. Mas se por acaso eles a lerem, com certeza ficarão enraivecidos ao lembrar que eu fui o único a chegar ao ensino superior.

No campo do saber, todos que participaram da minha jornada universitária, seja no ensino como no diálogo, independente de ser na sala de aula ou no pátio do BC, foram importantes para que eu estivesse aqui nesse momento, escrevendo estas páginas.

Primeiramente, como é de praxe, quero agradecer ao Professor Iranilson Buriti de Oliveira, com quem comecei a conviver nesta universidade no ano de 2005. Mesmo neste pouco tempo soube cativar meu interesse de estudar esta temática, principalmente na disciplina História de Brasil IV, quando estávamos estudando a atuação de diversas correntes religiosas no período anterior no período corrente a Ditadura Militar, além de me sugerir a temática proposta. Além disso, manifestou-se pela minha presença no grupo de estudo sobre Medicina e História, o que me possibilitou ainda mais adentrar nas referências teóricas como as de Roger Chartier, Michel de Certeau e Joanildo Burity. Espero que eu possa corresponder às expectativas a mim depositadas. Obrigado pela paciência!

Gostaria de citar como forma de agradecimento, todos os professores que contribuíram para meu amadurecimento intelectual e para o estímulo a outras pesquisas feitas anteriormente: Nilda Câmara e Silêde Leila, minhas examinadoras da banca, Zenon Sabino, Rosilene Montenegro, Herry Charriery, Liége Freitas, Ivonaldo Ferreira, Gervácio Aranha, Antônio Clarindo, Alarcón Agra, Durval Muniz, Sandra Lia, Regina Coelli, Roberval Santiago, Ezilda Melo, Marcos André, Ramsés Nunes (valeu pelos livros de Mircea Eliade); além dos professores de outros cursos: Socorro Nascimento (projeto Sexualidade), André Augusto e Marta Helena (Educação); Ângela Metri e Maria Assunção (Sociologia e

Antropologia); Danielly Inô e Tony (Letras). Se alguém não foi citado, me perdoe, pois o meu esquecimento não foi proposital.

Também quero me lembrar de modo muito especial, do Professor Dr. Fábio Gutemberg, grande ministrante das disciplinas de História da Paraíba. Gostaria muito que ele visse meu projeto, mas infelizmente não foi possível. Mas certamente o legado que ele nos deixou ficará marcado, por isso me dirijo de maneira especial a esse grande mestre na arte de estudar a História.

Durante cinco anos, fiz muitas amizades no campo universitário e digo certamente que muitas pessoas ficarão marcadas na minha memória, tanto no compartilhar do conhecimento, como nos momentos mais “escabrosos” que eu tive. Gostaria de lembrar das seguintes pessoas: Mário Diniz, o *beatlemaníaco*; José Lêudo, o mestre do cômico humor insano; Pablo Gomes, o bizarro; Anchieta, grande mestre na arte de “imitar” radialistas; Márcio, meu amigo da linda Cuité; Fabiana e Roberto, pelas inúmeras caronas; Lucas Sanchez, Marciel Medeiros, Paula Faustino, Paula Rejane, Catarina, José Valmi, Raquel Silva, Cid Douglas, Iraktan, João Paulo, Lenilson, João Carlos, João (de Alcantil), Jannefrance, Verônica, Jâmeson, Brinell Silva, Edilson Gomes, Ivone Agra, Ebenezer, Wellington, Elton John, Paloma Porto, Jean François, Débora Medeiros, Róbson Victor, Rômulo Alves, Anglebson Barros, além daqueles que estão em níveis mais elevados do conhecimento histórico que eu, como José Marciano, Adilson Silva, Giscard Agra, Vagner “Baraúna”, Gilmária, Chiara, Guiseppe Roncalli e muitos outros que contribuíram com suas discussões teóricas. Assim como fiz anteriormente, peço desculpas a aqueles cujo seu nome não foi citado por esquecimento do autor.

Registro também meu agradecimento as pessoas que colaboraram para a obtenção das fontes desta pesquisa e nos diálogos. Professor Ridalvo Gomes, Sr. Urbano dos Santos e Sr. José Farias, além do meu amigo Naldo, que coordena o arquivo do Jornal Diário da Borborema.

Gostaria de me remeter a outras pessoas que me ajudaram, dando sua contribuição tanto moral, como filantrópica e “psicológica”, cooperando também para a realização desse trabalho. Dentre estes estão os professores: Adenilton Aguiar, Bernadete Oliveira, Jair Miranda, Maurício Xavier, Rose Negreiros, e Uéilton Nunes. A minha amiga, Sílvia Miranda, de quem não poderia me esquecer do dia em que chegou às seis da manhã na minha casa, me levando “a força” para o Vestibular. Tenho certeza que, se não fosse ela, não estaria aqui. Também não posso me esquecer dos companheiros de luta e de profissão, com quem aprendi bastante nos últimos anos em que estive exercendo a função de professor, nos colégios José Miranda e Menino Jesus, respectivamente.

Existem muitos outros companheiros com quem convivi nestes últimos anos de minha trajetória acadêmica, mas estas linhas não são suficientes para preencher o nome de tantos. Mas posso dizer que tudo o que aconteceu foi de bom grado para que outros desafios possam ser superados. Principalmente no campo da História.

EM NOME DE DEUS OU DA POLÍTICA? COMPORTAMENTOS DAS IGREJAS EVANGÉLICAS EM CAMPINA GRANDE (1964 – 1984)

Resumo

Este trabalho visa estudar as relações preexistentes entre a igreja evangélica com a política, a cultura e a sociedade, na cidade de Campina Grande, durante o período compreendido pelo Governo Militar (1964-1984). Para tanto, utilizamos como fontes os discursos jornalísticos e entrevistas, analisando como a Igreja configurava suas práticas, percebendo os modos e os comportamentos destas instituições em comparação às modificações políticas e as representações culturais, exercidas na cidade campinense. Nos meandros deste trabalho, também foi indispensável a compreensão das práticas que estas igrejas exerciam na cidade, apropriando-se dos seus espaços e estabelecendo novas relações com o lugar público.

Palavras-chave: História Cultural, política, religião, representações.

Sumário

Gênesis.....	1
Capítulo 1: “Fazei tudo quanto Ele (ele) disser”: as igrejas evangélicas e o Regime Militar em Campina Grande (1964 –1970).....	9
1.1 Cartografia e comportamentos das religiões em Campina Grande.....	9
1.2 Modernização ou dessacralização? As práticas religiosas.....	17
Capítulo 2: “Ninguém pode servir a dois senhores?!”: as práticas da igreja evangélica e a política de Campina Grande (1971-1980).....	22
2.1 A emergência do evangelho “político”.....	23
2.2 “Contra a vontade da carne”: os encontros fora da cidade.....	26
2.3 Josué Sylvestre e a personificação do político evangélico.....	28
Capítulo 3: Espetacularização da fé ou quebra de tradições? As novas estratégias discursivas dos evangélicos campinenses (1980 – 1984).....	36
3.1 Sagrado para o povo, profano para os crentes?! As novas estratégias.....	36
3.2 “Meus pequeninos irmãos”: as relações com o povo.....	40
Apocalipse.....	46
Referências Bibliográficas.....	48
Anexos	

Gênesis

Há um grande comentário no âmbito popular, afirmando que “religião e política não se discutem”. Mas no caso deste trabalho, tal afirmativa cai por terra, pois objetivamos discutir as relações entre religião e política no cenário campinense. A temática intitulada *Em Nome de Deus ou da Política? Comportamentos das Igrejas Evangélicas em Campina Grande* foi um resultado de inúmeros diálogos que transpuseram o espaço da sala da aula e atravessaram fronteiras, na ânsia de satisfazer a vontade do autor, sem esquecer da intromissão do leitor. Durante o exercício da disciplina História do Brasil IV, ministrada pelo Professor Iranilson Buriti de Oliveira, foi possível observar o quanto a religião participava na construção de identidades cultural e política, constituindo uma normatização sobre seus adeptos na formação de movimentos em favor de um modelo popular. A possibilidade de trabalhar a religião como objeto histórico, além de associar o discurso e as representações presentes da religião com os elementos encontrados na cultura e política locais, foram os motivadores para a realização deste projeto. Obviamente não significa que este trabalho seja a resposta para muitas curiosidades sobre a atuação das igrejas evangélicas, mas abre a possibilidade de refletir e pensar até que ponto a religiosidade, cultura e política podiam estar em concomitância ou discordância, refletindo até mesmo na produção do próprio cotidiano, neste caso, o de Campina Grande.

Portanto, é interessante analisar as diversas maneiras como estas igrejas em si se comportavam, tendo em vista que o período elegido para esta pesquisa como recorte temporal é referente ao do Governo Militar, compreendendo os anos de 1964 a 1984. Durante esse período, é comum observar que o governo militar em voga era contestado por certos atos, sejam políticos como nas próprias idéias, anulando qualquer abertura de democratização política e da liberdade de expressão que pusesse em risco a legitimação de seus interesses.

Mas o que talvez não se percebesse é se haviam instituições que conciliavam a permanência dos ideais do militarismo e de sua política através de suas atividades. No caso das igrejas evangélicas, isto não seria diferente, pois algumas reações poderiam estar submetidas à construção de uma moral aos moldes do militarismo da época. Contudo, nem sempre essas relações de proximidade foram constantemente atendidas, visto que a igreja foi mudando aos poucos esta perspectiva diante do modelo político de então.

Direcionamos esse estudo para quatro principais correntes que estão compreendidas na igreja evangélica desta cidade: Igreja Batista, Igreja Congregacional, Igreja Assembléia de Deus e Igreja Presbiteriana. Vale ressaltar que, a partir do alcance das fontes e das possibilidades até então expostas, existe uma variação de indícios que pode ser remetida com mais ênfase a algumas igrejas, mas procurando não fugir do objetivo de estudar as que foram já acima citadas.

É importante esclarecer que não só existiu um comportamento único diante do movimento que se sucedia no período militar, mas havia um conjunto de reações que ocorriam em diferentes congregações protestantes, visto que a grande questão estava nos interesses e nos dogmas dessas religiões. Não se pode esquecer que a produção desses comportamentos precisa ser observada a partir não somente do momento em que ela se encontrava, mas como a Igreja se comportava diante da reordenamento e “modernização” dos costumes que envolvia a cidade.

Falaremos das maneiras como estas igrejas foram intervindo nos espaço urbano, produzindo uma imagem do urbano enquanto espaço de suas práticas, transformando o lugar público no lugar de experiências da cultura protestante, possibilitando o crescimento e maior produção desses movimentos. A entrada dessas igrejas no cenário urbano também vai sendo exercida através da construção de seus templos, a começar pelo lugar que compreende o

centro, outro aspecto a ser trabalhado enquanto forma de simbolizar a presença destas congregações.

A partir deste trabalho, serão identificados alguns dos aspectos encontrados nas igrejas evangélicas, onde há a influência dos elementos que constituem o civismo, ou seja, de que maneira essas igrejas também se apropriam dos símbolos e das representações adquiridas do tradicionalismo nacional, percebendo uma proximidade entre a igreja e o Estado, a despeito do modelo político em vigência. No ato da pesquisa, era fundamental descobrir até que ponto as igrejas estavam envolvidas nos eventos públicos, a observar as comemorações e as atividades culturais da cidade, refletindo nas relações de aproximação ou distanciamento entre a igreja e o lugar onde se encontra. Tendo em vista que a igreja evangélica tinha como uma de suas atribuições o discurso caracterizado pela “ajuda ao próximo”, vamos observar quais estratégias a igreja utilizava, na finalidade de associar este dogma, sem perder a intencionalidade de ampliar seu espaço na sociedade campinense. É indispensável pensar que a igreja, para transmitir uma auto-imagem positiva, estabelecia estas estratégias, eleitas como fundamentais à sociedade, como as instituições de saúde e educação, procedendo na intensidade do movimento religioso em Campina Grande.

Neste trabalho, foi fundamental analisar as relações que haviam entre os protestantes e a política, tomando como cenário a cidade de Campina Grande no período acima referido, compreendendo a partir da imagem de Josué Sylvestre¹, a personificação do homem público, segundo as condições da Igreja, o que também conduz no decorrer desta pesquisa entender sobre a falta de homogeneidade dos adeptos, tendo em vista que havia também estas diferenças entre os seus líderes, o que possibilita também na compreensão sobre a ideia de democracia. A imagem de Josué Sylvestre enquanto representante político estava legitimada não apenas pela sociedade, mas principalmente pela Igreja, submetendo-se não apenas a uma

¹ Josué Sylvestre, além de escrever artigos para o jornal Diário da Borborema, participou como membro do Movimento Democrático Brasileiro, atuando em parceria com outros políticos, como Ivandro Cunha Lima, Ronaldo Cunha Lima e Félix Araújo.

moral construída de honestidade e moral, mas principalmente por carregar em si a atribuição de integrante do meio evangélico, conciliando os deveres políticos com os deveres atribuídos pela igreja.

Outro fato perceptível para a compreensão desta temática está nas diversas intervenções que a Igreja Evangélica protagonizou no cenário urbano de Campina Grande, possibilitando a análise das finalidades que haviam por trás dessas práticas, sendo assim vistas tanto pela população quanto pelos próprios praticantes. Tais atividades, ao serem revistas e transmitidas por outros métodos, foram sendo paralelamente aderidas por alguns adeptos e anuladas por outros. Para tanto, foi fundamental discutir e aprofundar sobre esses acontecimentos entendendo e contextualizando outros segmentos da própria história das igrejas evangélicas, como a divisão interna e à emergência de uma nova montagem dos rituais litúrgicos, mais próximos de uma popularização dos eventos evangelísticos. Com esses detalhes, é possível analisar que elementos são simbolizados e como a igreja evangélica foi sendo aceita pela sociedade, pensando assim na possibilidade de uma aproximação entre o religioso e o popular.

Como apropriação de um conteúdo teórico que possibilite uma compreensão do tema referido, foram utilizadas teorias que pudessem conduzir nossa pesquisa à análise dos discursos, das práticas e da produção desses significados. Para isso, o trabalho de Roger Chartier, *A História Cultural. Entre Práticas e Representações*², foi bastante adequada para a realização dessa pesquisa, pois conduzia a investigar as relações que haviam entre o mundo social e as práticas culturais, podendo para este sentido, poder compreender até que ponto certas estratégias das igrejas eram produzidas, apropriando-se das relações culturais que encontravam, anulando algumas disposições ou reordenando outras. Foi possível através deste, poder compreender como a própria igreja, através de seus agentes, a quem chamo de

² CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

saberes da *eclésia*, tendiam a impor uma certa autoridade sobre seus adeptos, percebendo uma relação de submissão ou de adequação à variação desses saberes, exceção para aqueles que, em acordo com signos ou modelos anteriores, se desvinculam a esses saberes. Tal caso foi lembrado no ato da análise sobre as tensões ocorridas internamente na esfera evangélica.

Há também a proposta de se perceber o que está por trás do comportamento proferido por estes saberes e analisar o que não está exibido, podendo discutir como certas estratégias são minuciosamente elaboradas, distinguindo-se do valor legitimado e levando a relativização de seus aspectos, diferenciando o visível do invisível. No caso deste trabalho, a Igreja tem uma imagem que não somente foi construída a partir de seus líderes, mas houve todo um processo de construção dessa imagem a partir dos interesses, das ansiedades e das interpretações constituídas entre seus praticantes e não-praticantes. A imagem construída para identificar essa Igreja não é unânime, mas parte da releitura que os sujeitos a produzem, percebendo algumas semelhanças, mas distinções e ambigüidades entre como a Igreja se manifesta e como a sociedade a interpreta.

Foi fundamental também a utilização de autores que possibilitassem outras compreensões para o estudo da mesma. Ao perceber a presença de elementos simbolizados por todo um processo de significação, exercida e compartilhada pela igreja, foi lembrada a obra de Pierre Bourdieu, o Poder Simbólico³, que trata do poder dos símbolos e todo o seu sistema ideológico. Objetivando na produção de uma totalidade e exercendo entre seus admiradores a prática da sua reprodução, caracterizava na legitimação dos seus valores, estruturando e estabelecendo suas relações de ordem e manifestação. No caso da Igreja, esta manifestação estava presente nos atos públicos, onde o espaço público era o culto, onde poderiam proporcionar abertamente o exercício de suas crenças, no qual o pastor ou evangelista eram constituídos como representantes da transmissão de seus interesses.

³ BOUDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

Alguns dos autores aproveitados para este projeto são frutos das discussões apresentadas nos debates feitos na disciplina História do Brasil IV, cuja temática sobre a religiosidade no período do Brasil contemporâneo foi bastante destacada, permitindo maior aprofundamento nesta pesquisa. A historiadora Carla Simone Rodeghero⁴, ao analisar as relações entre religião e patriotismo, trouxe uma opção para o estudo sobre os problemas existentes entre a igreja e a política local, possibilitando compreender certas relações de reciprocidade, e de ambigüidades, envolvendo ambas as partes.

No que se refere às fontes pesquisadas, o uso de entrevistas foi fundamental para analisarmos os discursos proferidos a partir da visão individual formada por cada entrevistado e pelos diálogos feitos a partir da inquietação dos próprios entrevistados em relação ao assunto, não se remetendo nas expressões diretamente explicitadas, mas nos pormenores que se situam nas entrelinhas da entrevista. Nem todas as perguntas foram feitas de forma semelhante, visto que a elaboração de perguntas deveria ser cuidadosamente elaborada a partir do entrevistado e de que maneira poderia transmitir algo que evidenciasse indícios referentes aos interesses da pesquisa. Com isso, a partir do que é proposta na investigação da oralidade como fonte histórica⁵, existe a abertura de um diálogo feito pelo pesquisador, à iniciativa de compará-las e desmistificá-las, evitando o juízo de valor e um posicionamento que precede concepções preconcebidas. Os informantes responsáveis dos depoimentos explorados tinham ligação com as ações a serem estudadas, possibilitando assim a análise do contexto, não devendo então ser ignorado do nosso objeto de pesquisa.

Além da obtenção dos depoimentos orais, é válida a inserção das fontes jornalísticas, onde vislumbramos os interesses das igrejas em constituir suas atividades, sem perder de vista que o discurso jornalístico tem uma intencionalidade, capaz de incorporar uma idéia de

⁴ RODEGHERO, Carla. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. Revista Brasileira de História. São Paulo: v. 22, nº 44, p. 463-488, 2002.

⁵ AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). Usos e Abusos de História Oral. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

verdade. Para isso, é fundamental ressaltar sobre como o discurso jornalístico divulgava a igreja evangélica, assim como seus personagens e suas tramas. Tomando as fontes obtidas nas pesquisas feitas no jornal Diário da Borborema⁶, foi possível confrontar com estas fontes, investigando e extraindo o que aproximasse da temática.

Foi com estas ferramentas que foi possível realizar este trabalho, cujo grande objetivo é de aprofundar nas idéias e nas experiências que resultaram na construção da imagem da igreja evangélica em Campina Grande, percebendo como ela se apropriou e, ao mesmo tempo, foi apropriada pela cidade, onde poderemos nestes elementos desta pesquisa diversas explicações que talvez antes, não foram tão enfatizadas. Mas a possibilidade que se abre através de uma pesquisa como esta é como se pode investigar e estudar juntos religião, cultura e identidades, compreendendo como certas instituições instauraram sua imagem e como ela foi sendo re-elaborada através dos anos.

Desta forma, no Capítulo 1, apresentaremos o tema *“Fazei tudo quanto Ele (ele) disser”*: *as Evangélicas e o Regime Militar em Campina Grande (anos 1964 – 1970)*, apresentando os comportamentos destas religiões protestantes, assim como o processo de modificação das práticas religiosas que ocorrem durante esse momento. No capítulo 2, intitulado *“Ninguém pode servir a dois senhores?!”*: *as práticas políticas da Igreja Evangélica de Campina Grande (1971-1980)*, apresentaremos como as relações entre política e religião evangélicas eram evidentes, principalmente através da personificação de Josué Sylvestre enquanto homem público, mas também como representante da igreja. No terceiro capítulo, intitulado *“Espetacularização da fé ou quebra da tradição? As novas estratégias discursivas dos evangélicos”*, vamos observar como as relações das igrejas evangélicas com a cidade campinense vão culminando na aproximação dos fiéis com o público, mas também a

⁶ O Jornal Diário da Borborema teve sua primeira tiragem em 02 de outubro de 1957. Durante o período de produção do projeto corrente, o arquivo do jornal esteve disponibilizado para esta pesquisa.

provocação de rupturas existentes devido as novas práticas, influenciando no crescimento do pluralismo religioso.

Capítulo 1

“Fazei tudo quanto Ele (ele) disser”: as Evangélicas e o Regime Militar em Campina Grande (anos 1964 – 1970)

1.1 Cartografia e comportamentos das religiões em Campina Grande

Para entender mais as questões que envolveram a participação religiosa protestante no primeiro período do dito Regime Militar (1964 – 1970), é fundamental entender um pouco mais sobre a emergência e expansão das principais correntes protestantes na cidade de Campina Grande. As principais igrejas que emergiram e logo desenvolveram um projeto de expansão e estabelecimento no município foram aquelas originadas do tradicionalismo anglo-americano: Igreja Batista, Igreja Presbiteriana, Igreja Congregacional e Igreja Assembléia de Deus, esta última com princípios mais característicos dos movimentos denominados *Pentecostais*, abrindo margem a uma nova concepção teológica e novos significados ou representações do sagrado cristão.

Em Campina Grande, não é de se admirar que as congregações protestantes emergissem diante de uma hegemônica maioria de católicos, onde o que marcava era a ligação entre as autoridades religiosas clericais e seus dogmas com as práticas sócio-culturais exercidas pela população campinense em sua maioria. Mas com a ação das missões evangélicas na cidade, abriu-se a possibilidade para a expansão e fluidez do protestantismo e a abertura de uma multiplicidade religiosa, mas que, por outro lado, culminou na própria resistência e atritos com autoridades, tanto clericais como congregados influentes, da elite católica campinense.

Mas o campo religioso transformava-se gradativamente num campo vasto, formado de uma intensa multiplicidade de denominações, onde os evangélicos se situavam em grande

escala, principalmente no próprio espaço central da cidade. Com o tempo, a predominância da tradição católica, passou a ser diminuída com a presença dos templos construídos por outras denominações, a exemplo do Templo da Igreja Congregacional, localizado a Rua Treze de Maio, o Templo da Primeira Igreja Batista, que se encontrava em frente à Praça Clementino Procópio, o Templo da Igreja Assembléia de Deus, à Rua Antenor Navarro e o templo da Igreja Presbiteriana, à Rua Floriano Peixoto, nas proximidades do Açude Novo. Desde o princípio, as igrejas protestantes vinham demarcando seu território, principalmente no que diz respeito ao espaço central, onde as pessoas podiam não somente localizá-las, como também reconhecê-las como grandes espaços de liturgia e de investida do protestantismo, caracterizando-se pela tendência a aliar prosperidade à espiritualidade, conduzindo seus adeptos a um novo comportamento tanto no campo da religião como no campo social. Quando o período a ser discutido é o correspondido por um regime de cunho militar, com participação restritiva a sociedade e até mesmo o controle da liberdade de expressão, é válido perceber como as denominações protestantes podiam reagir diante das imposições feitas pela política do momento, tentando perceber como muitas vezes o protestantismo era visto pela sociedade, bem como o protestantismo reagia diante de um sistema político vigilante e controlador como o Regime Militar, investigando se havia a presença de práticas cívicas que identificassem uma relação de patriotismo e politização durante esta ocasião.

Mas o que pode ter possibilitado essa relação de identidade, mesmo não havendo uma manifestação de simpatia ou apoio à política vigente? O grande problema, na verdade, estava na anulação a democratização. A participação popular havia sido reprimida por uma nova tendência política, centralizada no controle exercido pelas forças armadas e que dispunha antes de assumir o governo, mediante discurso modernizador baseado numa política liberal. Antes do golpe de 1964, o último governo democrático, de João Goulart, havia sido constantemente marcado pelas críticas adversas ao plano político de valorização do trabalho e

a força adquirida dos sindicatos, o que provocou ainda mais alarde das elites empresariais. Tudo isso caracterizou uma guerra discursiva onde o governo de João Goulart era rotulado como “comunista”. Esse conceito teve tamanha repercussão, que foram mobilizadas diversas esferas da sociedade, travando assim o governo de Goulart contra os autodenominados “liberais”. No campo religioso, grande parte dos evangélicos demonstravam não estar contentes com o plano político de Goulart, achando perder a possibilidade da liberdade de culto, tendo em vista que as comparações entre João Goulart e o comunismo só tendia a aumentar. A modernização pregada pela doutrina liberal era um meio pelo qual muitos protestantes se identificavam com a possibilidade de se expandirem. Em tudo isso, o militarismo se difundiu, tomando o poder político e econômico. Os protestantes, por sua vez, permaneciam com suas práticas religiosas, desde que não se defrontassem com o governo em vigência, tendo em vista que a religião protestante não se detém em ser explicada por um significado único, é importante esclarecer que o protestantismo é um conjunto de correntes religiosas que se identifica pela variação da interpretação teológica, cuja história é marcada por rupturas ocorridas desde o Século XVI, com a Reforma Protestante, passando pela formação das ditas tradicionalistas, como a Batista, a Congregacional e a Presbiteriana, até a formação de uma corrente chamada de Pentecostalismo, tendo como a mais conhecida, a Igreja Assembléia de Deus, criada no Brasil em 1910. Por esses detalhes, pode-se partir do pressuposto que a relação entre o protestantismo, a política e a sociedade pode ter se deparado de diversas formas, onde possivelmente houve uma relação de proximidade ou distanciamento, tendo em vista que relações havia entre os dogmas e as relações sócio-culturais e políticas da época. Como discorre Rubem Alves, cada igreja tendência a uma interpretação teológica particular de mundo, o que incita na produção de um saber ou da presença de uma comunidade que procura organizar uma interpretação da própria vida social ou cotidiana, tendo a religião como um mecanismo de filtragem das práticas sociais,

separando o sagrado e o profano e organizando o seu perfil sem comprometer seus princípios religiosos.¹ Muitas das práticas exercidas pela sociedade, em sua maioria são postas em xeque, quando o que está em questão é a sua interpretação do mundo a partir dos signos demonstrados no campo do sagrado e como será a reação do agente religioso diante das adversidades. Tais atitudes, antes considerados fundamentais aos princípios religiosos, vão aos poucos sendo revistos através de novos elementos ou práticas. Antes vistas como normais, são vistas por um outro ângulo, ou seja, remetidos de outra forma, para a negação total ou parcial de suas funções. Daí, é possível perceber que o protestantismo, por ser uma corrente vasta de práticas religiosas que precedem a diversas interpretações no campo do sagrado, permite também observar mais de uma reação diante das novas práticas políticas, quer seja na omissão, mesmo que silenciosa, quer seja na admissão do discurso político. Apesar de que, na década de 1960, o protestantismo em si não tem um destaque de grande amplitude na sociedade campinense como a Igreja Católica, há em alguns trechos jornalísticos, a presença não somente da importância dos ritos e das assembleias, mas o próprio destaque as autoridades evangélicas e as associação entre o civismo e as atividades protocolares dos eventos.

A memorável passeata foi abrihantada pela banda Batista e por pelotões de moças conduzindo as bandeiras do Brasil e de todos os estados da Federação. Além dos pavilhões de mais de 100 países, aonde há missões dos batistas.²

Nota-se que a reportagem destaca a relação de proximidade entre a simbologia cívica, representada pelas bandeiras nacional e dos estados federativos, com o momento marcado pelo reconhecimento da presença da congregação Batista da cidade. Não era unicamente de ocasião que as igrejas protestantes, em sua maioria, tomavam a simbologia da pátria como forma de identificação com a nação ou estado de origem. Essa prática também era uma

¹ ALVES, Rubem. Dogmatismo e Tolerância. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 51-62.

² Campinenses participaram da Convenção Batista. Diário da Borborema, Campina Grande, p. 7, 07 de fevereiro de 1965.

constante nos tempos do clímax protestante nos Estados Unidos, desde os momentos que sucederam a Independência do país norte-americano, onde a relação de identidade entre o patriotismo e as práticas vivenciadas dos anglicanos, permitia que a ligação entre o país e a religiosidade fosse cada vez mais eminente. Como parte desse contexto, muitas igrejas somavam o civismo e a simbologia nacional com suas práticas litúrgicas. Não obstante a essa prática, Campina Grande também foi cenário da presença cívica e simbólica dos valores da pátria em diferentes espaços, a incluir a cartografia religiosa protestante.

Mas é importante observar que esse modo de permanecer com os costumes que caracterizam o civismo pode não estar unicamente ligado ao pressuposto da aceitação da política vigente ou de um ufanismo a uma identidade nacional. A própria reciprocidade do político e do religioso, além de ser uma questão de consolidação do poder político, independente do ato social, podia ser demonstrada, direta ou indiretamente. Segundo Bourdieu:

As ideologias devem a sua estrutura e as funções mais específicas as condições sociais de sua produção e de sua circulação, quer dizer, às funções que elas cumprem, em primeiro lugar, para os especialistas em concorrência pelo monopólio da competência considerada (religiosa, artística, etc.) e, em segundo lugar e por acréscimo, para os não-especialistas.³

No caso da política, a presença da própria religião, tendo em vista a abertura religiosa sem atrito ou divergência ao governo, que comprometa o seu discurso, pressupunha uma relação de passividade. A realização dos eventos religiosos especiais era, em grande parte, realizada nos espaços públicos, onde uma provável repressão às manifestações das igrejas protestantes era feita por simpatizantes das autoridades vinculadas ao catolicismo, até então incomodados pelo crescimento do protestantismo na cidade campinense. O que se pode observar é que os eventos não eram tão reprimidos, mas sim até mesmo incentivados e permitidos pelas autoridades políticas. A filosofia cristã em que “Dá a César o que é de César,

³ BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p.13.

a Deus, o que é de Deus”, era incluída na própria relação entre igreja e estado, onde por muitas vezes, as elites substituíram a crítica por uma condição de silenciamento e, tendo o papel de “sacralizar” as práticas políticas. Segundo o depoimento do Professor Ridalvo Alves, teólogo, ex-membro da Igreja Congregacional de Campina Grande, comenta por si a reação da igreja frente à trajetória política:

Você expor sua opinião, falar alguma crítica com o governo evidentemente podia haver repressão e outras coisas como a opressão, etc. isso realmente é algo inédito nesse processo da política brasileira. A Igreja evangélica já tinha um processo histórico de ter aquela obediência aos governantes, o que conforme o texto citado aos Romanos, onde Paulo interessa aquele texto ao Império Romano a outras questões, sendo generalizado no campo da doutrina evangélica, pra você não fazer nenhuma conotação crítica ao governo, apenas orar por ele, embora as “coisas” evidenciassem uma contradição política, ou seja, permanece em silêncio passivo na situação, e a Igreja evangélica se comportava dessa maneira.⁴

Todavia, essa passividade não podia se remeter à idéia única de reciprocidade ou identidade política. O silenciamento até mesmo imposto ou atribuído minuciosamente pela política era às vezes admitido passivamente pelo medo ou receio de opressão a difusão da própria classe religiosa protestante, visto que o processo do crescimento da mesma vinha progredindo, o que às vezes era até visto positivamente pela política e pela imprensa campinense. No Jornal Diário da Borborema, no ano 1964, o editor Josué Silvestre remeteu as igrejas evangélicas, como integrante do desenvolvimento de Campina Grande, tanto através dos monumentos, como no trabalho considerado integrado, onde a própria educação religiosa é entendida como transformadora no campo social:

É tão marcante essa presença no curso da História da ‘Rainha da Borborema’ que já se tornou um lugar comum. A citação do dinamismo, da vocação progressista do povo campinense, superando através do seu reconhecido arrojo as barreiras que se antepõem ao seu trepidante desenvolvimento.

Ao lado da participação de inúmeros setores comunitários, pretendemos acentuar nesta oportunidade a contribuição dos evangélicos a

⁴ Entrevista concedida ao autor por Ridalvo Alves. Campina Grande, 09 de fevereiro de 2007.

destacada posição ocupada por esta cidade no quadro representativo dos mais importantes municípios brasileiros.⁵

É importante afirmar que a própria ação filantrópica e também de natureza social eram destacadas como ações de natureza desenvolvimentista, ou seja, nos campos da medicina social, principalmente, as igrejas, como a Batista e a Presbiteriana, eram citadas como referenciais, elogiáveis nas assistências da saúde para as comunidades menos privilegiadas, até os ambulatórios e as assistências médicas particulares. O que pressupõe é que, a partir de uma ação mais desenvolvida socialmente, visando o bem-estar de um grupo, permite diversas atividades que podem conduzir, tanto no campo social, quanto no espiritual, a possibilidade de delimitar, demarcar sua atuação em seu espaço, reordenando-o e construindo sua identidade. A igreja evangélica não somente estava atuando, de certa forma, com um trabalho de finalidade comunitária, que contribui com os interesses não apenas sócio-culturais, mas também para a progressão de uma objetividade política, mas que seu mecanismo também não foge dos interesses no campo do sagrado.

As campanhas a serem feitas não somente no espaço da igreja, mas principalmente fora dela, eram parte de uma experiência onde se conectavam tanto os interesses políticos como os próprios objetivos visados pelo protestantismo. Segundo as pesquisadoras Etiane Caloy de Sousa e Marionilde Dias Brepohl de Magalhães, o protestantismo tem na área social uma ferramenta útil para transmitir à comunidade, quando o autor analisa como uma identidade positiva e que procura trabalhar a partir de valores universalizantes e, ao mesmo tempo, acompanhado dos princípios morais do Cristianismo. A igreja evangélica, nesse sentido contrário à dita igreja hegemônica, exerce a função de conscientizar a um compromisso de *ajudar ao próximo*, ao mesmo tempo em que o compromisso no campo religioso de ajudar a outros não foge do sentido social de auxiliar na auto-estima da comunidade.

⁵ Contribuição dos Evangélicos ao desenvolvimento de Campina Grande. Diário da Borborema, Campina Grande, p.13, 18 de outubro de 1964.

A política campinense, de certa forma, apropriou-se desse trabalho feito pela igreja protestante de realizar os trabalhos sociais junto à comunidade campinense, como uma forma de aliar a sociedade a um trabalho mútuo de colaboração para o dever de auxiliar aos mais necessitados. Talvez muitos aderiram as novas práticas religiosas, principalmente os menos abastados. Roger Chartier traz uma revelação que é válida para essa parte. Seja de onde for, um sujeito ou grupo de indivíduos ao serem aliados a um objetivo, sujeitam a construção de uma imagem ou figura que lhe são atribuídas pelos agentes que o recebem.⁶ A igreja evangélica era o sujeito ativo de um grande conjunto de significados, que transpõem o campo teológico e atravessa para outros campos vitais da sociedade, nesse caso, os problemas sociais que circundavam Campina Grande e boa parte dela. Mas por trás de todo esse mecanismo, há a parte que se refere à disciplinarização, até mesmo ao controle dos indivíduos. A igreja, por muitas vezes, realiza a ação ou tarefa antes designada ou atribuída ao estado, ao mesmo tempo em que a igreja, nesse ato social de filantropia, quer o homem congregando em seu espaço. Disso se apropria na própria disciplinarização dos indivíduos.

Falando de espaço, o que é denominado de um espaço público, vai por muitas vezes, segundo a descrição jornalística, ser o espaço sacralizado pela igreja. O espaço público será o lugar que, além do templo, é o centro da manifestação dos simbolismos religiosos, que por muitas vezes se confundem com as práticas políticas. O discurso eloqüente é acompanhado constantemente pelas necessidades predominantemente coletivas, que são identificadas como problemas originalmente vistos num plano escatológico, onde o futuro era sempre demonstrado nos discursos das autoridades evangélicas. Segundo a edição de matéria encontrada no Jornal Diário da Borborema de 1964:

Os evangélicos de Campina Grande também estiveram presentes às comemorações do Centenário, participando do desfile. Através de representações de colégios dirigidos por pastores e diretores protestantes, os crentes resolveram ainda, armar um palanque na Praça da Bandeira e,

⁶ CHARTIER, Roger. *A História Cultural, Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 11-28.

dali, em concentrações públicas iniciadas na noite de ontem, deram continuidade ao seu programa de festividades.

Ontem à noite podia-se ver a multidão que se formou nas imediações daquela mais central praça da nossa cidade, para ouvir a pregação dos oradores evangélicos, o principal dos quais foram o visitante Mário Barreto França, que emocionou os presentes com as citações bíblicas e as ilustrações que fez para os presentes.⁷

A experiência proposta pela igreja evangélica, tomando como referência o comentário jornalístico acima, dá a impressão que o espaço público, aliado ao discurso religioso, não somente eram mecanismos de propagação da própria religiosidade em si, mas também precede as práticas do cerimonialismo social na cidade campinense, já que o evento também é alusivo às comemorações do Centenário da cidade de Campina Grande, que seria comemorado no dia seguinte ao evento. Isso lembra o que Michel de Certeau menciona acerca dos espaços, onde estes detêm os comportamentos e as representações a partir da ansiedade dos sujeitos, gerando ainda mais a evidência de uma “verdade”. Ao ser propagado esse regime de verdade, ela cria e manifesta um sentido que, ao ser acompanhado por outros meios, desde o espaço até a ocasião, pressupõe o seu discurso. A igreja evangélica, nesse sentido, não deixou a oportunidade de mesmo na aparente repressão da política, manifestar e produzir comportamentos a partir de seus interesses.⁸

1.2 Modernização ou dessacralização? As práticas religiosas

A igreja evangélica em Campina Grande tinha uma grande preocupação em elaborar uma imagem importante para a sociedade, onde o paralelo entre o sagrado e o sócio-cultural eram presentes, visto que a identidade evangélica iria romper com a imagem religiosa construída pela Igreja Católica. A imagem mais formalizada, convencional e de postura mais

⁷ Evangélicos Realizaram Concentração. Diário da Borborema. Campina Grande, p. 7, 16 de outubro de 1964.

⁸ Certeau diz que, no ato do produtor observar o comportamento ou a realidade de um grupo, ela se manifesta no que pode ser mais “produtivo” para exercer a função de agente produtor de uma cultura, nesse caso, a cultura religiosa. Ver CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano 1. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

reprodutiva estaria sendo substituída por uma nova postura, onde a livre interpretação bíblica, educação mais modernizante, sendo o espelho dos educandários evangélicos anglo-americanos e atividades de missão mais abertas, tendenciando a se aproximar das massas. Num plano mais interior das igrejas, a possibilidade de uma integração mais próxima entre as igrejas não era tão bem vista assim por alguns adeptos nos anos 1960. A postura dos evangélicos era mais individualizante, permitindo mais uma aproximação no final dos anos 1970. Para muitos adeptos, até mesmo grande parte dos jovens, a unificação de igrejas ou a adaptação a novas tendências que poderiam “modernizar” as práticas não podiam valer tanto para o crescimento dessas igrejas. Os assembleianos, por exemplo, realizavam alguns programas especiais em momentos diferentes aos de outros segmentos, como a Batista e a Congregacional. No próprio centenário de Campina Grande, os adeptos da Assembléia de Deus realizaram suas festividades na terça-feira, dia 20 de outubro, enquanto outros segmentos já o haviam realizado na semana anterior. O que precede é talvez a ligação ainda muito atrelada com os dogmas religiosos, que, na comparação com outras religiões, tendiam para a divergência constante, o que muitas vezes culminava nos discursos até mesmo inflamados entre autoridades e fieis de igrejas diferentes. Como se pode ver historicamente, as igrejas são oriundas de diferentes vertentes, tendo origem a toda uma genealogia onde correntes religiosas são difundidas de outras religiões, chamadas de tradicionais. No plano campinense, isso foi contestado quando autoridades como pastores e missionários de igrejas mais predominantes foram tentando manifestar interesses por novas práticas, no intuito de possibilitar mais pessoas ao acesso a religião evangélica e que possa permitir a uma possível ligação entre religião e cultura. Isso para muitos seria motivo de dessacralizar, desestruturar a própria instituição religiosa em si e modificar assim os fundamentos prescritos nos princípios estabelecidos a partir de uma interpretação teológica estabelecida por assembleia. Em entrevista feita ao Senhor Urbano dos Santos, ex-participante da comissão dos Gideões

Internacionais⁹ em Campina Grande, explica que a proposta de novas práticas que se assemelhavam ao que mais tarde seriam as que se aproximam do Pentecostalismo e Neo-Pentecostalismo, causou a desestruturação e separação das Igrejas Congregacionais, tanto a nível regional, quanto no próprio campo situado em Campina Grande:

Em 1966, houve uma divergência, pois o pastor da nossa igreja, Neemias, influenciados por outros movimentos, formou um movimento muito influenciado pelo Pentecostalismo. E algumas outras coisas. Então diante desse sistema, nos não concordamos. A igreja tinha mais ou menos 600 membros, de mais ou menos 300 membros que não aceitaram este tipo doutrinário. Então ficamos a nos congregar em outro lugar daí foi convidado pra ficar um pastor do Rio de Janeiro, de saudosa memória, Pastor Armando Torres Vasconcelos, um homem de Deus, segundo as doutrinas primitivas congregacionais. Ficamos-nos congregados em outro lugar, pastoreados pelo pastor Armando. Nós tomamos parte da união das Igrejas Congregacionais do Brasil e a igreja que fazíamos parte anterior ficou como Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais. Agora na ultima década a união introduziu nesse sistema que a referida Igreja primitiva tinha também tomado parte e por causa disso houve uma outra divisão. Hoje nos somos membros da Igreja Evangélica Congregacional conservadora do Brasil, presidido pelo Pastor Demecir Rocha de Oliveira. E graças a Deus estamos muito felizes, satisfeitos, em primeiro lugar por sermos crentes em Jesus Cristo, e também porque não somos aqueles que usam o ascetismo. Nós apenas discordamos com os sistemas doutrinários que são divergentes do nosso, mas para nos as igrejas são perfeitamente evangélicas e somos achegados a todos os irmãos. Para mim o que vale é quando o pecador aceita o plano salvador.¹⁰

Nota-se que, apesar de alguns praticantes não expressarem ou não admitirem qualquer idéia de dissensão ou separação, a questão que envolve as práticas religiosas pode ser diversificada tanto entre as religiões presentes na esfera protestante como podem acontecer internamente, conforme o caso acima referido. É válido conferir que o modelo litúrgico é posto em análise e havia quem gostaria que as mudanças fossem feitas. Não obstante aos tempos atuais, a igreja protestante propunha novas maneiras de ver e praticar a religião, diferente do que muitos viam a partir do catolicismo. Todavia, a multiplicidade também era presente nos espaços protestantes, isso às vezes eram motivos de incômodos para aqueles

⁹ Os Gideões Internacionais eram grupos de voluntários das Igrejas Congregacionais, que atuavam em diversas atividades, através da distribuição de literatura, principalmente bíblica, como também nos projetos sociais, envolvendo doação de filantropias.

¹⁰ Entrevista concedida ao autor por Urbano dos Santos. Campina Grande, 15 de fevereiro de 2007.

ditos “conservadores”, a exemplo do depoimento acima, onde praticamente a metade da congregação se manteve no nível mais conservador dos princípios, enquanto que o outro lado cruzou para o lado da “inovação”.

Não é de se admirar que a igreja evangélica, mesmo tendo a suposição da unidade como forma de justificar uma causa, não escapa da presença de uma estratégia de consolidação. Essa consolidação pode tanto manter como substituir ou transformar identidades adquiridas até mesmo historicamente. O que antes vinha sendo exercido de maneira mais legítima, foi abrindo espaço para uma variação dos sentidos na própria identidade religiosa. Provavelmente não foi com tanta intensidade como nos anos 1970, quando se estuda a seguir as profundas modificações na religião protestante com a re-significação de novos atributos e o emergir de novas correntes, principalmente no Pentecostalismo, mas não foge ao entendimento de que a presença de uma modernização já estava presente nos anos 1960, principalmente porque na Igreja Congregacional, existiu uma grande dissensão que permitiu a separação entre aqueles que eram mais conservadores aos dogmas, também chamados de “Igreja Primitiva” e a que tendenciou a abertura de um novo plano religioso, organizado como União das Igrejas Evangélicas Congregacionais.

Portanto é importante analisar, utilizando Chartier, que o campo religioso é tomado como lugar de se pensar uma forma de interpretação de mundo. Sem fugir do plano religioso fundamentalista, reflete-se em novas possibilidades de perceber como entender o lugar onde se encontra e como gostaria que fosse. Muitas vezes, no próprio campo da religião, os atores sociais ora protagonizam como se estivessem seguindo literalmente um texto, ora ele se emancipa e tenta compreender interpretando-o de outra forma.¹¹

A religião protestante, em si, permanecia com a realização de suas atividades, sejam internalizadas ou públicas, mas sem trazer grandes revelações que possibilitariam uma relação

¹¹ CHARTIER, Roger. *A História Cultural, Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 19.

exposta com a política. Mas o que se compreende é que as atitudes frente a sociedade eram vistas pelas elites, inclusive pela elite política, que o trabalho dos protestantes exerciam papéis de produtores sociais e de minimizadores dos problemas que existiam, objetivando manter o cristianismo como elemento fundamental do cidadão campinense e estabelecer uma normatização da sociedade, empregando ferramentas vitais para a maioria, como a educação e a saúde. É válido aliar ao que está sendo observado neste capítulo com o que Chartier afirma, no tocante ao idealismo presente, tanto no religioso como no sócio-político:

A tradição do idealismo crítico designa assim por “forma simbólica” todas as categorias e todos os processos que constroem “o mundo como representação”. Daí o destinar uma função universal ao espírito de conjunto das produções, quaisquer que sejam provenientes da ordem de representação ou de figuração; daí, conseqüentemente, a extensão máxima fornecida ao conceito de símbolo para o qual remetem todas as formas ou todos os signos graças aos quais a consciência constitui a realidade.¹²

¹² CHARTIER, Roger. *A História Cultural, Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. Pp. 19.

Capítulo 2

“Ninguém pode servir a dois senhores?!”: as práticas políticas da Igreja Evangélica de Campina Grande (1971-1980).

Para entender melhor as questões que envolveram a Igreja Evangélica no período de 1971 a 1980, é importante ressaltar que, mediante as fontes jornalísticas e as fontes orais obtidas para a realização desta pesquisa, foi fundamental perceber que a presença do protestantismo no discurso da mídia e na própria constituição da sociedade campinense vai se tornando ainda mais destacada. Na década de 1960, a divulgação das igrejas não acontecia com tamanha intensidade, ainda pouco freqüente, apesar da demarcação de suas práticas religiosas em Campina Grande. Conforme a participação política vai sendo mais aberta e discutida com maior assiduidade, diversos personagens vão se adentrando no cenário político, culminando então no uso de práticas discursivas alimentadas por uma grande eloqüência ao público protestante, aliando o campo político ao religioso e cultural da sociedade em apreço. Esse acontecimento eclode quando mais precisamente em 1978, quando o jornalista Josué Sylvestre¹ integra o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), adentrando no cenário político como um possível representante do grupo evangélico em Campina Grande, precedendo que os evangélicos poderiam contribuir politicamente ao apoiarem alguém que lhes representassem no cenário político regional.

Mas é fundamental analisar que nem sempre esse apoio foi admitido por todo o público evangélico a quem referimos, pois essa mesma constituição de evangélicos não tinham uma relação homogênea em todos os sentidos, inclusive no próprio processo político. Havia os evangélicos, como os assembleanos que mobilizavam seus companheiros em apoiar pessoas que se simpatizasse com as mesmas práticas religiosas, ou pelo menos possuíam uma

¹ Josué Sylvestre, além de participar nas atividades políticas como assessor político do ex-senador, Ivandro Cunha Lima, era membro e simpatizante da Igreja Assembléia de Deus em Campina Grande.

estreita relação de cordialidade e admiração com o trabalho religioso, principalmente as atividades comunitárias. Todavia, a sombra da democratização e da livre escolha também era um instrumento de defesa tomado por outros evangélicos, que mesmo na possibilidade de um representante político assumir uma responsabilidade administrativa tanto a nível municipal como estadual, não abriam mão da oportunidade de escolha a quem achar conveniente, sem a presença de qualquer coibição. Vale também observar que, mesmo diante de todo esse processo político e social, os evangélicos vão saindo de um enclausuramento para uma manifestação mais efervescente de suas práticas, interferindo ainda mais no espaço social. Porém, as questões de aceitabilidade ou rejeição dos costumes culturais urbanos também eram presentes, o que pressupunha também grandes antagonismos entre os evangélicos e a sociedade.

2.1 A emergência do “evangelho político”

Assim como nos anos 1960, as práticas públicas exercidas pelas igrejas evangélicas são constantes, apesar de que o discurso jornalístico e a mídia da época não demonstrem muito isso. Como estratégias de permanência das atividades, as igrejas se intensificam ainda mais na expansão de suas instituições religiosas e educacionais, conforme o caso da Igreja Assembléia de Deus. Com a possibilidade de estender a idéia de associar a educação instituída com a educação religiosa, os planos de crescimento do colégio ao lado da igreja localizada à Rua Antenor Navarro, na Prata, vão sendo postos em prática, por intermédio principalmente do Pastor Apolônio Amorim. Ele vê a educação como instrumento que pode conservar a infância e juventude no objetivo de construir não somente uma igreja forte no campo da espiritualidade, mas na intelectualidade e produção de “cidadãos” para a cidade campinense. Esse instrumento disciplinarizava e constituía jovens como modelos para a Igreja.

A Igreja não somente vai se identificando como produtor de conhecimento bíblico e teológico, como também vai demonstrar aptidões ligadas à intelectualidade e à preparação de jovens para a carreira profissional. Com isso passa a interagir com a sociedade como integrante do crescimento educacional da cidade.

Outro detalhe que diz respeito à integração da Igreja no meio social campinense é a da realização de seus encontros temáticos², possibilitando para seus praticantes o acesso ao aprimoramento dos conhecimentos doutrinários e práticas ditas evangelísticas, propagando suas campanhas e prosseguindo na obtenção de um espaço ainda mais amplo para o crescimento do protestantismo. Durante eventos, como as datas comemorativas, a citar o aniversário da cidade, o Dia da Independência do Brasil, os evangélicos aproveitavam esses momentos para enfatizar reflexões sobre o evangelho, aliando assim o discurso religioso com as práticas cívicas e as identidades regionais. Segundo o senhor José Farias, membro da Igreja Assembléia de Deus desde 1970, residente atualmente em João Pessoa, os movimentos religiosos tinham essa relação presente, inclusive realizando essas atividades nas instituições escolares:

Eu me lembro que, no tempo em que chegava o dia da Independência, o dia 7, havia como uma homenagem, onde o pessoal da escola se reunia num espaço grande e lá se cantava o Hino Nacional. Depois os alunos apresentavam trabalhos feitos a pedido da professora. Todo o trabalho tinha a bandeira ou alguma coisa que lembrava as cores da bandeira do Brasil.³

O civismo e o reconhecimento da cidadania e da afirmação de uma identidade nacional e regional eram vistas através dos símbolos e da produção de elementos que conduziam à disciplinarização e o incentivo do respeito à Pátria e até aos seus representantes. Com isso, a relação instituída entre civismo e educação na própria instituição religiosa era não somente respeitada como também congregada. Mas é importante observar que o campo religioso,

² Esses encontros temáticos eram alusivos às comemorações de eventos religiosos, como o Natal ou a Páscoa, e a alguns feriados nacionais, à exemplo do Dia da Independência. Podemos citar o Encontro de Jovens, Encontro das Senhoras, o Círculo de Oração como exemplos da propagação dos costumes religiosos.

³ Entrevista concedida ao autor por José Farias de Albuquerque. João Pessoa, 9 de abril de 2007.

principalmente o evangélico, não possuía essa ligação com o patriotismo, simplesmente em virtude da simpatia com um poder político. Também essa relação com o lugar, o país de origem ou a cidade natal era mais uma questão construída coletiva ou individualmente, a despeito da aceitação ou não de um discurso político em vigência.

A cidade campinense é tomada como o espaço da propagação das práticas e das estratégias do evangelho, ao ver que a própria sociedade vai aderindo ainda mais a esse. Visto que o movimento evangélico vai se expandindo, o espaço público será o alvo das suas manifestações, eclodindo no prosseguimento dos atos laicos e da abertura para novas experiências. Para a igreja, esse discurso de que o homem tem a possibilidade de ter uma vida nova vai sendo inserida através de seus eventos. Com o uso de experiências que exemplifique a ação que as igrejas evangélicas defendem como “conversão”, não somente trabalha um processo de conservação dos seus congregados, como será um instrumento de encantamento e de chamado à atenção dos visitantes. Segundo o Diário da Borborema, de agosto do ano 1978, a então conhecida atriz Darlene Glória, visita a cidade, não mais como a imagem da atriz do filme “Toda Nudez será castigada”, mas como uma “nova” pessoa, Helena Brandão (no seu nome original), protagonizando então um novo momento, onde enfatiza que “todo pecado será perdoado”. A igreja torna a usar não somente a oratória eloqüente do pastor, mas a própria experiência de vida enquanto algo que exemplifique um modelo de como um fiel pode ter uma “nova vivência”. São dessas experiências que as igrejas começam a se disponibilizar para a sociedade campinense, exercendo uma forte atração para os membros da comunidade, tanto evangélica como não-evangélica. Os atores e atrizes religiosos não estão enquadrados apenas numa visão que represente o conhecedor teológico, mas no indivíduo que, independente de sua origem, atravessou por um processo, dito por alguns como sobrenatural o que precede nessas práticas que o meio evangélico elabora discursos e práticas onde todo discurso é doutrinário, permitindo alcançar necessidades sociais e particulares.

2.2 “Contra a vontade da carne”: os encontros evangélicos fora da cidade de Campina Grande

É nítido perceber como as igrejas evangélicas realizam suas atividades e desenvolvem suas atuações não apenas no próprio espaço privado que é a Igreja, mas também há o ensejo da Igreja manifestar-se publicamente perante a sociedade como um agente responsável por uma nova alternativa de vida, dando ênfase à espiritualidade, da saúde e da família. Mas a Igreja evangélica, na sua preocupação de preservar uma auto-imagem que diferencia de outros, mantém estratégias que são justificadas como modos de não haver “mistura” dos costumes religiosos com os costumes justificados como “profanos”, para que não comprometa primeiramente o modelo de conduta cristã, pondo em risco sua espiritualidade, além de não prejudicar a reputação tanto individual quanto da Igreja a qual está vinculado.

Nas igrejas evangélicas, a prática dos Retiros Espirituais e dos Encontros fora da cidade tem sido um escape para a preservação dos modos exercidos pela comunidade evangélica, de modo que seus adeptos não se envolvam em certas práticas interpretadas como profanas⁴, visto que certas festividades ou atos constituídos de forma coletiva eram diferenciados pelos evangélicos através de toda uma conduta moral, desenvolvida teologicamente. Daí, a necessidade de se ausentar do próprio espaço urbano para a resignação em outro espaço que é classificado como adequado para a elevação da espiritualidade e da unidade evangélica sempre foi uma constante para que pudessem manter disciplinarizados e conscientes de seu dever.

Os períodos mais propensos à realização desses encontros fora da cidade aconteciam nas festividades da comunidade campinense, onde para eles, poderia comprometer a conduta moral e assim, permutar com os costumes praticados durante esses momentos. As festividades

⁴ Estas práticas consideradas profanas pelo público evangélico são as festividades, a exemplo do Carnaval. Eram vistas desta forma, devido à preservação de uma auto-imagem cristianizada dos seus membros e da conservação de seus princípios. Portanto, não se interagiam com certas manifestações culturais da cidade.

como o Carnaval e as Festas Juninas eram “abominadas” pelas autoridades evangélicas, que por sua vez, promoviam esses retiros para que seus adeptos não se envolvessem com tais práticas ou costumes que, segundo eles, comprometeriam a moral do fiel e sua congregação. Os incentivos eram feitos principalmente para os jovens, a quem as lideranças observavam com bastante cuidado e atenção. A juventude era um “alvo a ser (re)visado”, pois havia todo um receio quanto à efervescência do público jovem que, ao mesmo tempo em que atuavam com frequência no campo do evangelismo, também tinha a tendência de falhar, ou seja, abrir certa possibilidade de adentrar as festividades ditas “profanas”, devido à falta de experiência com os princípios eclesiais. Por isso os encontros eram vistos como um meio de purificar os seus adeptos segundo a vontade de Deus e da Igreja.

Partindo desse princípio, percebe-se que nem sempre o espaço público era observado pelos evangélicos enquanto espaço onde se compartilha experiências de reciprocidade das práticas de ambos, mas às vezes esse mesmo lugar produzia, através de sua maioria, certas práticas antagônicas aos interesses da Igreja Evangélica, o que implicava na resignação de grande parte desses praticantes a outros espaços, fora do local público, para que manifestassem seus atos religiosos. Contudo, observa-se que o maniqueísmo é presente através e tal atividade, pois revela que o espaço público, nesse sentido, Campina Grande, é transformado pela maioria como um espaço de profanação, segundo o discurso do meio evangélico. A existência de uma concepção de que o cristão é feliz quando “não se assenta na roda dos escarnecedores” se tornava uma filosofia prática para esses religiosos, pois o cotidiano urbano, durante o período festivo, se transforma em um palco onde os “pecados” eram praticados mais abertamente. Para o evangélico, isso prejudicaria sua integridade moral e espiritual.

Ao observar esses detalhes, é importante a análise como o espaço urbano é constituído pelo público evangélico. Às vezes esse espaço é válido ou até reconhecido enquanto lugar

para compartilhar os próprios interesses, além de ser o lugar onde diversos campos do saber se encontram, tornando seu alargamento mais evidente. Porém é em certos instantes que esse alargamento enfrenta uma dificuldade devido a outras práticas sociais mais freqüentes, o que impossibilita que outros agentes exercam suas atividades. No campo evangélico, não é diferente, quando a “barreira” está em certos atos construída culturalmente, mas que não são reconhecidos ou apropriados, a citar as festas e algumas manifestações populares. Michel de Certeau diz que a cidade toma diversas formas, não pelo aspecto físico em si, mas como seus agentes reconstroem e reorganizam através da formação de diversas operações, buscando satisfazer o imaginário dos que o compõem.⁵ Isso faz com que alguns percebam com identidade ou estranheza, os comportamentos que esta cidade demonstra. Nitidamente não era um comportamento simples, mas que precede uma natureza ainda mais cosmopolitista.

2.3 Josué Sylvestre e a personificação do político evangélico

Ao observar que a política campinense e paraibana vem ganhando a atenção do povo através dos processos eleitorais, o interesse político também é remetido para aqueles que sondam a representação pública. Contudo, o representante político detém toda a construção de uma imagem que tanto é formada de si mesmo quanto dos seus companheiros de atividade, sem contar com a participação popular, seja na aceitação ou na negação da sua pessoa. Em Campina Grande, isso não era diferente, quando o objetivo era ingressar no senado como representante de seu Estado e, por que não, de seu povo. Nesse ritmo, observa-se a imagem do jornalista e político Josué Sylvestre como resultante da aproximação entre a política e a religião protestante, culminando em uma grande abertura dos debates políticos no campo religioso.

⁵CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano I. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 169-175.

Segundo discurso jornalístico no decorrer do ano de 1978, Campina Grande atravessou uma fase de tensões no processo de definição política para a escolha de seus representantes. Nesse momento, o jornalista Josué Sylvestre já sondava a possibilidade de ser um representante do Senado Federal, a partir de seu partido, o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), partido este que “confrontava” com o regime militar, tentando promover em seu discurso a democratização e a participação mais aberta da população no processo eleitoral. Josué era antes coordenador político de outros integrantes do partido, como os ex-governadores Argemiro de Figueiredo e Ronaldo Cunha Lima, além do ex-senador Ivandro Cunha Lima. Toda esta influência política e o diálogo de interesses mútuos que havia dentro da cúpula partidária motivaram Josué Sylvestre a visualizar a possibilidade de obter um cargo público para o Senado. Visto que a participação de Josué seria possível, houve nesse instante uma mobilização de autoridades do meio evangélico, pois além da possibilidade de se escolher um “filho” da terra, também seria a oportunidade de um “filho de Deus” conquistar um cargo público de alta escala na sociedade campinense e paraibana. Com toda essa convocação, o Jornal Diário da Borborema publicou no mês de julho de 1978, uma reportagem que divulga o interesse de autoridades religiosas frente à possível homologação da candidatura de Josué Sylvestre ao senado:

O apoio dos pastores a Josué Sylvestre foi feito através de carta endereçada ao Senador Ivandro Cunha Lima, presidente do MDB de Campina Grande e tem a seguinte redação: “Embora nossas igrejas não participem direta ou indiretamente de qualquer atividade política, os evangélicos, como cidadãos têm direitos e deveres como quaisquer brasileiros. Isto posto, na condição de pastores e oficiais, desejamos manifestar através desta mensagem, nossa simpatia pelo surgimento da candidatura do líder evangélico, jornalista Josué Sylvestre ao senado da República. Temos certeza que, em todo o estado da Paraíba, a candidatura do nosso estimado irmão e amigo merecerá entusiástico apoio dos nossos irmãos, na esperança de que o nome de Josué Sylvestre seja efetivamente homologado, nós agradecemos.”

Um outro triunfo apresentado por Josué Sylvestre, ontem, à direção do partido a capital, foi uma outra carta endereçada ao Senador Ivandro Cunha Lima, de diretorianos e suplentes de vereadores do MDB

campinense, solicitando que o nome do evangélico seja levado à convenção de domingo.

Finalmente, um outro triunfo apresentado por Josué Sylvestre, foi uma missiva dirigida ao presidente do diretório municipal do MDB em Campina Grande, subscrita por filiados daquela agremiação e endossando a opinião dos suplentes de vereadores e diretorianos com relação à necessidade de que seja apresentado um candidato a senador numa sublegenda para o pleito de 15 de novembro próximo e destacando que, atualmente “o nome que melhor reúne condições político-eleitorais para essa luta é do valioso companheiro de muitas jornadas.”⁶

Apesar de a manifestação política ter sido positiva para Josué Sylvestre, é válido ressaltar alguns detalhes importantes. Primeiramente, o próprio Josué Sylvestre, enquanto jornalista, tinha uma relação muito amistosa com outros especialistas na área, além de ter sido responsável pela escrita de muitos artigos que trabalhavam tanto de assuntos políticos quanto sócio-culturais da cidade, lembrando que foi autor de uma matéria que exaltava a comunidade evangélica como participante do avanço e da modernização da cidade campinense. Josué Sylvestre, não apenas por ser evangélico, mas possuindo simpatia e identidade com diversos líderes de denominações protestantes, era observado como uma alternativa de grande importância onde os evangélicos pudessem desenvolver um modelo de político cristão, podendo abrir espaço maior para as manifestações dos evangélicos na sociedade.

Mas a partir da fonte acima citada, pode-se ver que, por mais que a Igreja não se manifeste diretamente como entidade participante de uma atividade política, estava contribuindo para a abertura de uma “exceção”, através do jornalista Josué Sylvestre. Apesar de a participação política ter sido constante na sua carreira, Josué é conhecido também pela atuação como autoridade religiosa de admirável conhecimento e grande motivador das atividades, como é o caso da organização “Gideões Internacionais”⁷, onde ele esteve amplamente integrado a causa, o que lhe direcionava os elogios, principalmente dos

⁶ Pastor campinense pode ser indicado ao Senado pelo MDB. Diário da Borborema, Campina Grande, p. 3, 20 de julho de 1978.

⁷ Os Gideões Internacionais, uma organização sem fins lucrativos, realizava atividades filantrópicas, inclusive na distribuição gratuita de exemplares do Novo Testamento.

assembleianos, através do pastor Apolônio Amorim. Os líderes evangélicos transpareciam que Josué seria uma opção importante para que as igrejas protestantes pudessem tê-lo como representante do meio religioso, para aliar os interesses da Eclésia com os da sociedade campinense. Isto permite observar que a Igreja evangélica em si tinha seus interesses sociais cada vez maiores, na medida em que culminava a expansão de suas práticas no meio urbano, como um novo conjunto de alternativas de credo, face ao catolicismo, considerado como hegemônico em Campina Grande. As autoridades mobilizaram, aos poucos, a questão da escolha política com seus adeptos, para que assim, conseguissem eleger Josué Sylvestre como representante ao Senado.

Analisando tal fato, é relevante identificar que esses representantes não eram uma “unanimidade” da liderança evangélica, já que o candidato e seus simpatizantes tinham também algo em comum. Os simpatizantes da Igreja Assembléia de Deus, por serem provavelmente os mais próximos do candidato, estiveram mobilizando tanto os seus quanto outros adeptos de igrejas evangélicas, objetivando a candidatura de Josué Sylvestre para a candidatura, em contrapartida que a identificação com o candidato trouxe também uma oposição crítica ao candidato adversário ao mesmo cargo, o vereador Ary Ribeiro. Ao ver essa atitude, observa-se que grande porção dos fiéis tomou a política neste momento, não apenas como objeto para promover a grande comunidade evangélica campinense, como também foi um meio de justificar que a Igreja, em si, estava partindo para novas práticas públicas, onde a inserção na sociedade seria ainda mais intensa e fundamental para prolongar a imagem do evangélico enquanto membro responsável da comunidade onde vive. O que se pode pensar é quanto a Igreja Evangélica parcialmente estava abrindo margem a novas práticas sociais, a despeito de suas doutrinas ou da visão doutrinária ante a sociedade.

No mês de julho de 1978, a manifestação de certa parte dos líderes evangélicos se tornava cada vez mais efervescente, a partir das declarações de apoio a Josué Sylvestre,

quando um representante, que não se revelou durante entrevista concedida ao Diário da Borborema, mas era identificado como pastor evangélico manifestou oposição ao candidato escolhido, ex-vereador Ary Ribeiro para o senado pelo MDB:

Os evangélicos de Campina Grande não tem interesse em votar no candidato a senador pelo MDB, vereador Ary Ribeiro, pois foram contrariados na preterição do Jornalista Josué Sylvestre.⁸

Esse líder, na continuação de sua “denúncia”, dá a entender que o meio evangélico não somente estaria desaprovando a candidatura de Ary Ribeiro, mas que manifesta sinal de indignação pela inelegibilidade do seu representante:

Embora se façam política partidária, indicaram ao MDB o nome do jornalista Josué Sylvestre, um dos candidatos à sublegenda do MDB para o Senado, que levaria o compromisso de sufragar por larga margem de votos o nome de Josué a não homologação deste, porém, vem ocasionando um mal estar muito acentuado nos meios evangélicos da Paraíba, por ser aquele postulante um cidadão de largo conceito em todos os setores de atividades, não só no meio evangélico, como também na representação cultural da Paraíba.⁹

Com isso, o autor deste discurso pressupunha que a escolha de Josué Sylvestre, por não ter sido aceita por maioria, na convenção partidária, estava pondo em dúvida, para o público evangélico, a representação política a ser designada, além de disciplinarizar sua própria comunidade para a desaprovação do outro candidato. Ao ver essa questão, é importante pensar se toda a comunidade evangélica estava totalmente envolvida com toda a polêmica que envolvia o candidato derrotado, pois uma parte dessa “elite” religiosa esteve diretamente mobilizada com a possibilidade de Josué Sylvestre ser representante político. Outro detalhe está na manipulação política de escolha ou não-escolha do candidato, visto que o sentido da democratização poderia ser comprometido pela influência de um saber, nesse caso, o pastor, interferindo na chamada liberdade de escolha de seus adeptos, mesmo que, do ponto de vista social, não deixavam de ser eleitores. A construção de uma imagem política falha era elaborada segundo o autor do desabafo.

⁸ Evangélicos não votarão em Ary. Diário da Borborema, Campina Grande, p. 1, 27 de julho de 1978.

⁹ _____, Diário da Borborema, Campina Grande, p. 1, 27 de julho de 1978.

Mas o que torna mais interessante essa questão é que há uma manifestação aparentemente contrária ao depoimento do pastor “oculto”, onde o reverendo da Igreja Evangélica Congregacional, Alexandre Ximenes, declara oposição ao artigo, defendendo a liberdade de escolha quanto à eleição.

A nossa preocupação é levar o evangelho a camadas sociais, a fim de que possamos ver o desenvolvimento do homem, não só no sentido científico e tecnológico, mas também no sentido moral e espiritual. O nosso povo vota em quem quer, sem nenhuma coação e com plena liberdade.¹⁰

O pastor Alexandre, durante a sua declaração, revelava-se apreensivo devido à confissão anterior do “oculto”, pois a afirmação era resultado de uma precipitação de alguém que era um simpatizante e pessoa próxima de Josué Sylvestre, estava se “precipitando” nas suas afirmações. Percebe-se nesse detalhe que o meio evangélico, mesmo havendo uma certa relação de proximidade, expunha também essa relação heterogênea, onde Alexandre Ximenes nega qualquer envolvimento com tal atitude e renega a declaração suposta anteriormente. Alexandre Ximenes deixa claro que seu se identifica com a idéia que se encontra nos princípios da democracia, na questão da liberdade de escolha, ao dizer que a atitude de negar um candidato por apoio a outro precederia uma manipulação sobre a escolha individual e à disciplinarização sobre a liberdade de escolha.

A partir dessas fontes, pode-se entender que as maneiras de agir quanto ao envolvimento com as atividades políticas estavam sendo tomadas de outros modos, não com o mesmo estranhamento que havia nos anos anteriores, mas com uma participação mais direta nas discussões e nos interesses sociais. O que se vê é não apenas uma divergência aparente entre intelectuais e saberes políticos no tocante a escolha política, mas a possibilidade de ampliar as discussões e debates sobre a situação política existente, dando margem a uma diversidade de

¹⁰ Pastor Ximenes: povo evangélico vota em quem quer e sem coação. Diário da Borborema, Campina Grande, p. 2, 28 de julho de 1978.

posições e opiniões, o que implica no hábito da análise crítica do indivíduo, mesmo sendo evangélico, de escolher seu representante ou assumir um posicionamento político-partidário.

Segundo Joanildo Burity

A sequência que leva da adesão religiosa ao exercício de uma dada modalidade de cidadania democrática, ou inversamente, da afirmação de uma dada identidade democrática a exigências de abertura do campo religioso à lógica da política não é unilinear, nem assegurada por critérios de compatibilidade e coerência. A comunhão de interesses e propósitos entre atores religiosos e atores democráticos, ou mais abstratamente, entre vivência religiosa e cultura democrática, quando se estabelece, não se dá por mera confluência ou “conversão”, as articulações em geral se dando por referência a adversários ou conflitos/controvérsias que produzem polarizações (parciais) no espaço social, levando à agregação de campos heterogêneos. Assim é a relação entre religião e democracia. É preciso sempre analisá-la em contexto, pois ela não se presta a generalizações estáveis ou categóricas.¹¹

Nos anos 70, essa abertura de discussões sobre a política dentro da igreja evangélica vai sendo aberta, visto que nesse período, a própria religião evangélica já vai adentrando nas necessidades e até nas prioridades da sociedade, participando em certos campos onde antes a discussão era minimizada, pelo receio de afastarem-se de princípios elaborados com base no conhecimento teológico. O que eram estabelecidos como pensamentos ou ações a partir de informações ditas doutrinárias foram aos poucos sendo re-significadas, utilizando-se de modos que identificassem mais com a realidade social ou cultural, permitindo que novas práticas, antes reprimidas por alguns dos agentes ativos desta categoria, fossem revistas e até aceitas, para, quem sabe, estabelecer uma conciliação entre as práticas sacralizadas institucionalmente pelas igrejas, com as novas discussões sociais. Daí é necessário entender

¹¹ Burity afirma que nem sempre esta relação entre religião e democracia é coerente, visto que seus atores, ao declararem suas posições, podem ora estar em convergência com um lado, anulando ou invertendo valores ou categorias preconcebidas. O que se vê sobre o episódio da candidatura de Josué Sylvestre é mais uma tentativa de seus simpatizantes de utilizar a religião, ou até mesmo a própria fé como modo de justificar a legitimidade da imagem política de Josué. Ver BURITY, Joanildo. *Religião e Cultura Cívica: Onde os Caminhos se Cruzam?* Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1998, p. 1.

que este foi um dos momentos em que a comunidade evangélica esteve envolvida nos fenômenos previstos na sociedade e que, por fim, mostram certa reação de interesse e de envolvimento, mesmo que haja diferenças de estratégias ou maneiras diversas de empregar certos dispositivos culturais. Segundo Roger Chartier,

O que equivale a dizer, simultaneamente, que as práticas contrastantes devem ser entendidas como concorrências, que as suas diferenças são organizadas pelas estratégias de distinção ou de imitação e que os empregos diversos dos mesmos bens culturais se enraízam nas disposições do *habitus* de cada grupo.¹²

Assim, na própria complexidade da comunidade evangélica, a presença de uma diversidade política era presente, ainda que houvesse certa admiração por haver um representante que imprimisse a imagem do protestantismo campinense na sua campanha. Mas o que se vê é uma maior interação com a imagem política de Josué Sylvestre, por ser além de influente na sociedade campinense, como um evangélico, que expressa positivamente para seus simpatizantes a correspondência de expectativas quanto ao testemunho de uma possível autoridade política, que está em consentimento com seus princípios cristãos morais. Quanto às atitudes de outros personagens, é importante ver como muitos até se confrontavam com a própria idéia de democracia, quando implicavam até com alto tom de imposição ao público cristão, para a aceitação de Josué Sylvestre, tomando a categoria de “cidadão de largo conceito em todos os setores de atividades”¹³, onde aliava identidade religiosa e cultural do possível candidato com o povo campinense. A igreja evangélica vai estabelecendo laços de interação na política, assim como nas diversas configurações da cidade, o que não é diferente nos anos posteriores.

¹² CHARTIER, Roger. História Cultural. Entre Práticas e Representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 137.

¹³ Evangélicos não votarão em Ary. Diário da Borborema, Campina Grande, p.1, 27 de julho de 1978.

Capítulo 3

Espetacularização da fé ou quebra de tradições? As novas estratégias discursivas dos evangélicos campinenses (1980 – 1984)

Neste capítulo, observaremos que relações a igreja evangélica assumirá perante os acontecimentos que circundaram a sociedade campinense, visto que esse conjunto de movimentos religiosos vão aos poucos se instalando como igrejas em crescimento na cidade de Campina Grande, principalmente porque nos anos 80 é que novos movimentos religiosos emergem de modo fundamental para a eclosão do pluralismo religioso. Também é necessário observar que, mesmo havendo uma ampla reciprocidade entre esses movimentos, acontecem os atritos e também as rupturas, ocasionando na divisão destas igrejas e a construção de novos movimentos¹.

3.1 Sagrado para o povo, profano para os crentes?! As novas estratégias

Os últimos anos são marcados pelo vasto crescimento das práticas religiosas vindas dos protestantes e, com isso, também a multiplicidade de conceitos doutrinários e novas práticas que compreendem esse movimento. Com isso, há também a elaboração de uma nova cartografia das igrejas. Antes os espaços eram restritos mais nos lugares centrais da cidade, onde as “primeiras” igrejas, a exemplo da Primeira Igreja Batista, Congregacional e Presbiteriana, se convergiam no mesmo espaço onde estava instalada a catedral da Igreja Católica. Com o tempo, as igrejas foram desenvolvendo diversas estratégias que visavam expandir suas congregações para outros espaços, mais distantes do lugar central da cidade.

¹ Esses movimentos são denominados de Igrejas Pentecostais ou Neo-pentecostais, onde se observam os processos mais intensos de socialização, principalmente através de suas práticas religiosas. Darão ênfase a proliferação de milagres e ao uso de instrumentos, tanto na linguagem quanto nos elementos simbólicos (água, óleo), caracterizando um modelo de rito que se diferencia do modelo tradicional. Ver MAFRA, Clara. Os Evangélicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 49-59.

Para isso, as igrejas começaram a se envolver com as questões sociais que compreendiam diversas comunidades, localizados em vários bairros da cidade, como José Pinheiro, Conceição, Bela Vista, Nova Brasília, Santo Antônio, etc. Tal prática correspondia a um senso de missão, onde os membros se sentiam no ofício de publicar seus códigos religiosos, tornando mais nítida a participação evangélica na cidade.

Comparado aos anos anteriores, a infiltração dos novos métodos de trabalho, envolvendo uma relação mais próxima com o público foi conseqüentemente trazendo uma maior participação dos evangélicos na própria Campina Grande, o que ocasionava grandes comentários entre a população e na imprensa. Porém o que antes era mais um posicionamento de aversão às manifestações dos evangélicos foram dando espaço a uma abertura de discussões relevantes à atuação dos crentes, o que implica provavelmente no sincretismo religioso, onde as diversas partes, a despeito das doutrinas, começam a compartilhar suas experiências sacras. Daí percebe-se o quanto a cidade foi sendo compartilhada por múltiplas crenças, para as mais variadas manifestações religiosas, o que possibilitou a abertura de novas experiências no cenário evangélico.

Como foi visto no capítulo anterior, à medida em que as igrejas foram se expandindo, elas transmitiam uma grande popularização de sua perspicácia quanto à atração ao público. A ex-atriz Darlene Glória, então Helena Brandão, retornando à cidade de Campina Grande, causou grande admiração e curiosidade na sua nova trajetória, agora como missionária que participou de entrevista feita pelo jornalista Francisco Maria, da TV Borborema desta cidade, compartilhando com o público sua nova experiência como religiosa e membro da Igreja Assembléia de Deus, em comparação com a sua carreira anterior de atriz de teatro, cinema e televisão.

Sobre a beleza física como ajuda à sua palavra, ela respondeu: “Eu acho que as pessoas vão mais pela curiosidade de ver uma ‘ex’, e nesse espírito de curiosidade Deus opera. A beleza física é uma coisa tão passageira. A palavra de Deus diz que a beleza é como a erva, seca-se a

erva e coloca-se no fogo, mas não é pecado conservar a beleza, porque é uma coisa que Deus fez. Não esta arma que nós usamos. Se Deus me fez perfeita, glória a Deus que tudo isso é usado para a glória do Senhor. Mas não a fim de estripar na sua carne, porque se eu fosse confiar nisso, eu não ajudava ninguém. Como diz o hino, “de mim mesmo, nada tenho em que possa confiar, mas Jesus morreu na cruz pra me salvar.”²

Ao manifestar sua fé e sua nova maneira de ver o cotidiano, percebe-se que existem alguns aspectos que permanecem presentes, mesmo com a aceitação de uma doutrina, citando a aparência, que segundo ela, não afeta o fato de guardar sua própria crença. Para Darlene Glória, a “beleza é uma coisa que Deus fez”, portanto, faz parte da sua vocação missionária. Tendo vista esta afirmação da ex-atriz, há o que pode ser uma reavaliação de práticas ou costumes, antes tomados por um significado, mas que no ato de transformar seus conceitos morais acabam recebendo um aspecto diferente. Muitas destas práticas passam a ser instrumentalizadas de outra forma, passando a ser até “sacralizadas”, aceitas pela própria categoria evangélica.

Roger Chartier trata sobre as mutações do tempo enquanto variação de novas formações sociais e culturais, o que para esse caso é relevante, visto que certos atos eram antes considerados inviáveis, inaceitáveis a um momento, com o tempo, podem ser reavaliados, modificando as relações entre esses indivíduos com essas estruturas, o que ocasiona essa variação entre o homem social com o individual.³ No caso da religião, o homem pode atribuir certos comportamentos, ou abandonar outros por causa de um interesse coletivo, assim como perceber que existem certos detalhes que são adquiridos em uma maioria, que transcendem outras fronteiras. A mulher pode usar algum elemento, desde a maquiagem até as jóias, que podem ser aceitos pela maioria social, mas não pela Igreja, particularmente a Assembléia de Deus.

² Ex-atriz Darlene Glória entrevistada no canal. Diário da Borborema, Campina Grande, p. 8, 07 de março de 1981.

³ CHARTIER. Roger. A História Cultural. Entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p.24-25.

Mas no ato dessas novas instituições a serem formadas pela Igreja Evangélica, acontecem também os atritos internos entre os membros e as elites, devido à reavaliação e adaptação de novas práticas, o que culminou até na divisão dessas denominações. Em Campina Grande, mais precisamente em 1982, a Igreja Congregacional na cidade estava passando por um processo de modificações no que diz respeito as suas tradições. Uma nova reflexão sobre as doutrinas e as liturgias praticadas trouxe em discussão a aceitação ou não de renovações em alguns aspectos ou comportamentos da congregação na Igreja, principalmente tomando como ponto de partida a catedral da Treze de Maio, onde ocorreram essas novas experiências. Segundo o Sr. Urbano, ex-integrante da congregação da Treze de Maio e hoje, congregado da catedral da Avenida Canal, confirma por si que a igreja, ao começar a trabalhar outros modos de evangelização, entrava em choque com o que diz ser os princípios instituídos pela igreja, com a finalidade dos membros se manterem em obediência ao que julga ser a “palavra da verdade”.

Era muito bem organizada, aliás, é a primeira igreja evangélica em Campina Grande. Inicialmente antes de o evangelho ser pregado em Campina Grande. Na época, era o pastor Ximenes, muito seguro nas doutrinas congregacionais e passou, durante todos esses anos, como líder. Depois houve essa infiltração e divergência com outras doutrinas e daí ocorreu essa divisão.⁴

Neste caso, a divisão não se deu simplesmente porque a congregação estava crescendo, mas sim por causa da disseminação de novos olhares sobre as doutrinas da Igreja, a exemplo do batismo com o Espírito Santo, assim como a necessidade de alguns fiéis de adentrarem em novas práticas que possibilitassem mais a busca pela solução de suas próprias necessidades. Projetaram-se em uma visão social e até mesmo, pessoal, onde o fiel priorizava as questões mais íntimas de sua vida, seja no campo familiar, profissional e até mesmo financeiro, o que implicaria numa adaptação da própria religião a sua realidade. Tais comportamentos, antes cristalizados por um conjunto de normas, foram aos poucos sendo

⁴ Entrevista concedida ao autor por Ridalvo Alves. Campina Grande, 09 de fevereiro de 2007.

substituídas por novas posições, em que os indivíduos, mesmo não se dizendo “independentes” de sua própria fé, constituem uma nova identidade, a de um cristão cada vez mais envolvido com a realidade onde se encontra. Daí, os congregados de um tempo mais precisamente contemporâneo à época, desenvolvem novas estratégias em relação ao papel da Igreja na sociedade, o que para muitos “experientes” seria um risco para o cumprimento das normas eclesiais.

De fato, grandes motivos culminaram na transformação de algumas destas congregações, o que precedeu a divisão interna dos congregados e a constituição de novas congregações na cidade. Essa nova cartografia da igreja evangélica na cidade está associada com o que foi visto em citações anteriores, quando o envolvimento com uma realidade cotidiana era eminente, além do mais, a Igreja evangélica ainda não apresentava grande presença no meio social. Mas com o avanço dessas congregações através de novas estratégias, principalmente com o aproveitamento de elementos que foram reconhecidos por grande parte da Igreja, como o testemunho de pessoas, além dos ritos cerimoniais que se aproximavam mais do público culminou com uma grande mudança de comportamento da Igreja. Antes vista como uma congregação “fechada” de membros, que antes só se congregavam e realizavam seus ritos nos seus espaços internos, passaram a se aproximar ainda mais da presença maciça da população, aumentando com frequência seus programas em espaços públicos⁵, contando com outros saberes, dotados de grande conhecimento teológico e habilidades reparáveis, tudo para divulgação das manifestações e eventos religiosos.

3.2 “Meus pequeninos irmãos”: as relações com o povo

⁵ MAFRA, Clara. Os Evangélicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. P. 66-69.

A ex-atriz Darlene Glória, estava sendo um referencial para a propagação do movimento evangélico. Sua experiência agora como crente era uma manifestação do que a igreja evangélica estava propondo a sociedade campinense, no intuito de normatizar o homem para um modelo de vida dos evangélicos. Com ela, a personificação do que a Igreja estava propondo era a de que não há nenhum obstáculo para que o indivíduo se torne um crente e, com isso, mobilizar as pessoas a aderir a Igreja Evangélica como instrumento que engaje o homem a um comportamento moral válido. A imagem da ex-Darlene Glória em comparação ao da Helena Brandão sempre era utilizada para exemplificar a população que a Igreja Evangélica é construtora de um caráter que aliava as questões morais e sociais. Por outro lado, é perceptível haver a presença constante de atribuições que caracterizam o maniqueísmo presente nessas práticas devocionais. A imagem de Darlene Glória é tanto personificada pela própria ex-atriz como pelo discurso dos assembleianos como “mundana”, “pecadora”, estabelecendo assim uma imagem inferior a “nova mulher”, então convertida ao evangelho, revestida de “pureza” e praticante do bem, aos olhos da Igreja. Desconstrói Darlene e constrói uma outra mulher: Helena Brandão. Sai do *Véu da Noiva*, novela da Rede Globo na qual contracenou com Cláudio Marzo, e constrói outro sujeito, “sem véu ou sem máscaras”. Helena, a esposa do pastor Marcos Brandão.

Tomando esses eventos acima citados, o funcionamento da Igreja em si, vai se modificando aos poucos em relação à sociedade por meio de suas manifestações públicas, onde as questões doutrinárias ou regras estabelecidas vão sendo aos poucos substituídas pelo discurso que precede o gerenciamento da vida, tanto individual quanto familiar e em comunidade. As informações geradas por muitos dos líderes destas denominações vão sendo cada vez mais aderindo ao uso da transformação do homem, a ânsia de mudança e sua valorização. Com essas novas estratégias, as congregações que estão aliadas a essas práticas exercem ainda maior impacto com a sociedade, pois não há tanto a colisão da religiosidade

com a cultura, mas certamente houve uma tolerância entre ambas as partes, onde se identifica uma relevância da própria cultura e dos hábitos constituídos socialmente com as práticas exercidas pelas igrejas. Isso acontece principalmente com a ascensão das correntes pentecostais e neo-pentecostais, transformando certos comportamentos da própria Igreja, a despeito de fundamentos preconcebidos pelas suas autoridades, personificando o fiel para uma visão mais próxima de uma realidade contemporânea, sem deixar de lado sua fé. Clara Mafra analisa que

Na passagem desse pentecostalismo tradicional para o neopentecostalismo há uma transformação do paradigma de produção dos corpos santificados. Na Universal, por exemplo, há um deslocamento claro em termos de despersonalização do trabalho pastoral que tende a ser substituído por uma grande ênfase na produção cosmológica – esta sim, agora, personalizada e agonística. (...) a maior flexibilidade e dinâmica em termos cosmológicos permitirá a inclusão dos crentes em circuitos mais amplos, múltiplos e produtores de fragmentação, pois a oposição com o mundo não se fará mais tão estritamente apoiada no coletivo, como na Assembléia; mas cada fiel deverá ser capaz de produzir uma estratégia de auto-preservação espiritual.⁶

A Igreja, além de estar inserida ainda mais no cenário do cotidiano público constrói de forma mais direta um posicionamento idêntico à da maioria da sociedade, no que se refere aos problemas eminentes no cenário urbano. A própria violência, por ser um acontecimento que é combatido constantemente, não era ignorada por estas igrejas, mas era um assunto cada vez mais debatido, visto que o uso dos meios violentos caracterizava o “pecado” para os crentes. Portanto, adversos aos crimes, a Igreja Evangélica trabalhava a realidade sobre os crimes e as desigualdades, aliando os pensamentos da sociedade aos princípios. Tal reação descreve uma possível sensibilidade às tensões encontradas na comunidade campinense. Isto se tornou mais constante na medida em que esses problemas da violência se alastravam no meio urbano.

Um dos casos a citar está no posicionamento do Pastor da Igreja Congregacional Central, Claudenor Gomes de Sousa, onde o assunto tratado estava na tentativa de assassinato

⁶ MAFRA, Clara. Os Evangélicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 69.

do Sr. Orlando Pereira, quando este participava de um velório, no interior do Cemitério Nossa Senhora da Conceição, no dia 06 de março de 1982. O Pastor, em entrevista ao Diário da Borborema, revela que tal fato está não somente ligado a um problema de natureza social, justifica como um problema de natureza espiritual.

Esse homem – continuou – quando praticou esse crime, de antemão podemos informar que estava longe do amor de Deus, naquela ocasião, embora tivesse no cemitério participando de um sepultamento, que para mim é um ato solene, e ainda por cima, merece o respeito por parte dos presentes, mas como ele não estava com Deus, cometeu esse erro.⁷

O entrevistado não somente estava consentindo com as questões religiosas acerca da violência, mas identificam-se também as questões morais, onde o Pastor em seu discurso demonstrava exercer um posicionamento da Igreja, mediante critérios morais adotados social e culturalmente. A percepção do Pastor evangélico não era apenas de uma análise teológica, onde há a resistência a violência, mas a idéia de “lógica” para uma harmonização da sociedade era presente. O Pastor, em sua entrevista, lembrou das leis encaminhadas para esse tipo de delito, mostrando que o responsável pelo ato criminoso prejudicou a integridade tanto da vítima quanto dos presentes no velório.

Identificando a partir dessa fonte, descobre-se aos poucos que as igrejas despertam profundo interesse pelos problemas expressados pela comunidade campinense, sem esquecer que o público evangélico encontrava-se nesse meio onde as crises ocorridas em função da violência e das injustiças eram presentes. Nesse caso, a Igreja proporcionava atos públicos que sugeriam a avaliação da própria realidade, fundamentada nas considerações teológicas. Essas manifestações precedem um paradoxo entre a questão social, quanto à participação da Igreja na “consciência” de uma dificuldade eminente no cenário urbano, além da linearidade histórica como uma teoria presente no meio evangélico, conhecida através do Apocalipse⁸

⁷ Crime do Cemitério: Bispo e Padre condenam violência. Diário da Borborema, Campina Grande, p. 5, 11 de setembro de 1982.

⁸ O livro do Apocalipse, segundo o cristianismo, está associado a acontecimentos históricos, constituídos como revelações do tempo do “fim”, onde haveria a guerra denominada Armageddon, a luta do bem contra o mal.

bíblico. Com isso, a Igreja também ocupa outros espaços onde antes não havia tamanha participação, realizando através de atos públicos ou internos, manifestações que uniam interesses voltados para o lugar com as estratégias no campo da crença, o que possibilitava ainda mais a visibilidade da ação dos sujeitos que compõem a Igreja perante o olhar urbano. O Sr. José Farias, em sua na Igreja Assembléia de Deus desta cidade, observava que

No tempo em que fazia parte da Igreja da Antenor Navarro, os irmãos fizeram uma reunião na Praça da Bandeira, onde não só a gente pregava o evangelho, como também conversávamos sobre os problemas da cidade. A violência que havia na cidade já estava incomodando as pessoas com quem a gente conversava, como foi o caso dos “Mão Branca”, além de que muitos eram moradores de bairros mais “violento”, como o Pedregal.⁹

Logo a Igreja já desenvolvendo essa imagem mais próxima com uma “realidade” presente, lançava mão de estratégias que uniam a crença com as necessidades, não apenas individuais, mas coletivas, percebendo que a evangelização unida à conscientização sobre os problemas urbanos conduziria a maior penetração dos esforços evangélicos e um melhor resultado de suas estratégias. No caso da Igreja Assembléia de Deus, o uso do discurso religioso, além da imagem do crente como integrante da comunidade e transmissor de uma postura moral, a citar Helena Brandão, seria de grande auxílio para atrair um numero maior de fiéis às suas práticas. Exercendo uma atividade ainda mais filantrópica e até politizada, muitos fiéis se voluntariavam para ações em lugares mais empobrecidos da cidade, com a finalidade de normatizar os indivíduos para a culminância de um novo comportamento, moldado segundo os conceitos da Igreja, objetivando a prevenção contra atos considerados ilícitos como a prostituição, as drogas e a criminalidade armada. O Sr. José Farias também militava nessas ações.

Eu lembro que a Igreja gostava de fazer trabalho em muitos desses lugares mais pobres. Como nós tínhamos igrejas em muitos bairros, ficava mais fácil de fazer esse trabalho. O problema é que não era todo mundo,

Nesse imaginário, os fiéis a Deus seriam salvos e os inimigos de Deus seriam condenados. Esse trecho é bastante utilizado pelas igrejas evangélicas, como forma de revelar como certos acontecimentos históricos são concernentes com essas revelações.

⁹ Entrevista concedida ao autor por José Farias de Albuquerque. João Pessoa, 9 de abril de 2007.

mas tinha muitos irmãos que saíam pra pregar a palavra e entregar folheto, comida pra quem não tinha.¹⁰

Logo se percebe que a ressalva estava na participação quanto aos atos filantrópicos e nas evangelizações. Nem toda a congregação se envolvia do mesmo modo, assim como as igrejas que compõem a categoria dos evangélicos. No caso da Igreja Batista, as atividades se resumiam apenas no trabalho feito internamente, onde os fiéis levavam seus donativos na intencionalidade de contribuir com as campanhas de caráter beneficente. Principalmente no período do Natal, a alusão ao nascimento de Jesus Cristo estava associada no propósito de ajudar o próximo, onde os fiéis, em meio ao momento descrito como “reflexivo e fundamental ao cristianismo”¹¹ eram motivados para a realização desses trabalhos.

Ao observar essas questões, é interessante como a Igreja Evangélica nunca se comporta de maneira unívoca, nem mesmo nas atividades que correspondem à própria crença. Roger Chartier fala que nem sempre os indivíduos pensam a partir de um conjunto de crenças da mesma maneira, visto que as idéias nem sempre são elaboradas em consentimento. É possível analisar que as atividades dessas igrejas dependiam da variabilidade que existe entre aquele que escreve e aquele que o recebe. Nem todos o percebem por unanimidade ou por coincidência.¹²

Assim, a proximidade entre Igreja e povo seria uma constante, visto que além de haver uma tentativa de ampliar o campo religioso em Campina Grande, habilitando-se na condição de produzir um papel no meio popular, construindo uma imagem que procura, de modo parcial, estabelecer uma aproximação com a maioria.

¹⁰ Entrevista concedida ao autor por José Farias de Albuquerque. João Pessoa, 9 de abril de 2007.

¹¹ Natal de Alegria. Folheto, Igreja Batista. Setembro de 1983.

¹² CHARTIER, Roger. A História Cultural, Entre Práticas e Representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 120-139.

Apocalipse

Ao trabalhar esta temática, o pensamento é compreender até que ponto a Igreja pode exercer papéis categóricos de modificação na sociedade. Há quem pense que somente o catolicismo no período medieval submetia a este tipo de ordem, mas até a nossa história recente, a Igreja possuía e ainda possui essa autoridade de instituir comportamentos e práticas para a sociedade, permitindo dizer que a Igreja represente, influencie e sujeite os indivíduos a disciplinarização, estabelecendo neles uma imagem diferente dos não-crentes. Essa leitura sobre as igrejas evangélicas na cidade de Campina Grande permitiu observar que a Igreja tinha uma reciprocidade com os agentes políticos, o que faz pensar que essa relação entre política e crença era instituída através de práticas compartilhadas, mesmo havendo uma grande complexidade. Os agentes do campo religioso, a exemplo de Josué Sylvestre, junto aos saberes da *eclésia*, passam a se situar ainda mais no exercício das discussões sociais que compreendiam a cidade de Campina Grande, permitindo investigar até que ponto esses homens da religião se submetiam ao sistema político, sendo visível desde o início até o final da temporalidade estudada. Por outro lado, vimos que a congregação passa a ser interpretada não apenas como grupo de pessoas praticantes de uma crença, mas também como cidadãos que exerciam práticas determinantes na sociedade.

A Igreja, tanto no cenário político como nas práticas culturais, vai reavaliar certas mudanças, permitindo até na possibilidade de conciliar todas estas ações, de modo de não comprometa suas idéias. Mesmo assim, há a presença das rupturas, muito mais nos espaços internalizados como as próprias congregações, que devido a uma renovação religiosa que pressupõe diversas apropriações da própria cultura, ocasiona uma complexidade em sua interpretação, deparando então na dissensão de seus adeptos. Daí é possível compreender todo um processo de bifurcação, ocorrida principalmente nos anos 1980, com a emergência de

novas correntes religiosas, originadas das igrejas tradicionais. É interessante como esta mudança passa a ser presente nos rituais, principalmente quando novos movimentos são vistos principalmente no espaço público, onde a Igreja procura estar cada vez mais popularizado. Roger Chartier fala sobre a simbologia do Estado que poderia ser também aplicado a este caso, quando

Esta simbólica exprime-se também por meio de cerimônias, gestos e rituais. A sua maleabilidade é grande, o que torna possível a sua manipulação pelos diferentes poderes que se permitem abandonar certas formas.¹

Percebe-se que a Igreja estava deixando mais o enclausuramento do espaço fechado e permitindo-se adentrar nos espaços públicos, através dos diversos mecanismos utilizados enquanto estratégias de configuração. Daí a conexão com o espaço social, através das ações ligadas às instituições de educação, da saúde e da política, fez com que a Igreja Evangélica implantasse cada vez mais o seu modelo, suscitando a abertura de múltiplas manifestações religiosas dentro da *urbs* campinense.

¹ Estas transformações das práticas culminavam num sentido mais diferenciado que o anterior, resignificando alguns costumes e permitindo que outros elementos fossem inseridos nas cerimônias. Daí é possível ver a sacralização de alguns costumes, junto as manifestações do culto evangélico. Ver CHARTIER, Roger. A História Cultural. Entre Práticas e Representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 221.

Referências bibliográficas

- ALVES, Rubem. Dogmatismo e Tolerância. São Paulo: Paulinas, 1982.
- AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). Usos e Abusos de História Oral. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- BURITY, Joanildo. Religião e Cultura Cívica: Onde os Caminhos se Cruzam? Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1998. Disponível em <http://www.fgv.org.br>.
- _____. Novos paradigmas e estudo da religião: uma reflexão anti-essencialista. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1998. Disponível em <http://www.fgv.org.br>.
- CAPELATO, Maria Helena. Multidões em Cena. Campinas: Papyrus, 1998.
- CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano 1. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. A História Cultural. Entre Práticas e Representações. São Paulo: Difel, 1990.
- ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- MAFRA, Clara. Os Evangélicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- SOUZA, Etiane Caloy Bovkalovski de & MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. Os Pentecostais: entre a fé e a política. Revista Brasileira de História. São Paulo: v. 22, 2002.

ANEXOS

Fontes jornalísticas

Evangélicos realizam concentração

Os evangélicos de Campina Grande também estiveram presentes as comemorações do Centenário. Participando do desfile, através de representações de colégios dirigidos por pastores e diretores protestantes, os crentes resolveram, ainda, armar um palanque na praça da bandeira e, dali, em concentrações públicas iniciadas na noite de ontem, deram continuidade ao seu programa de festividades.

Ontem a noite podia-se ver a multidão que se formou nas imediações daquela mais central praça da nossa cidade, para ouvir a pregação dos oradores evangélicos, o principal dos quais foram o ilustre visitante Mário Barreto França, que emocionou os presentes com as citações bíblicas e as ilustrações que fez para os presentes.

Diário da Borborema, Campina Grande, p. 7, 16 de outubro de 1964.

Contribuição dos Evangélicos ao Desenvolvimento de Campina Grande

Josué Sylvestre

O processo de uma região não depende da exclusiva atividade dos poderes públicos, mas sofre decisivamente a influência da iniciativa privada, representada não apenas pelas forças econômicas, mas também por diversos outros grupos integrantes na comunidade.

Campina Grande é um caso típico da cidade, onde as realizações de empresas e entidades particulares, ou melhor, não governamentais, sempre formaram na vanguarda da ação oficial invertendo em muitas ocasiões à ordem natural das coisas.

É tão marcante essa presença no curso da História da “Rainha da Borborema” que já se tornou lugar comum a citação do dinamismo, da vocação progressista do povo campinense, superando através do seu reconhecido arrojo as barreiras que antepõem ao seu trepidante desenvolvimento.

Ao lado da participação de inúmeros setores comunitários, pretendemos acentuar nesta oportunidade a contribuição dos evangélicos à destacada posição ocupada por esta cidade no quadro representativo dos mais importantes municípios brasileiros.

Segundo o nosso ponto de vista filosófico, a maior importância dessa atuação se circunscreve ao largo setor da atividade espiritual, através da difusão da verdade evangélica, que não é simplesmente um trabalho proselitista, mas um esforço diariamente recompensado, objetivando a transformação de vidas e a integração de autênticos parias no seio da sociedade.

Para quem só se preocupa com fatos evidentemente materiais, argumentaremos então com a frieza dos números e a indicação das ocorrências.

Começamos pelo aspecto urbanístico e verificaremos a existência dos grandes edifícios, enriquecendo a estatística predial e a estética de nossas ruas, como é o caso dos templos centrais das igrejas Congregacional (Rua 13 de maio) e Assembléia de Deus (Rua Antenor Navarro), além do pequeno porém bonito Templo Batista da Praça Clementino Procópio e da inponente edificação que está sendo levada a efeito pelos presbiterianos nas proximidades da Praça do Trabalho. Menos relevantes quanto as dimensões dos prédios, porém sumariamente importantes pelo que representam como ponto de referência indicativo do surto do progresso dos nossos bairros, podem ser aqui alinhados o Templo Presbiteriano

Independente da Rua Silva Jardim e a congregação da Assembléia de Deus à Rua Campos Sales, ambos no bairro de São José; as sedes das 1ª Igreja Batista da Liberdade e 2ª Presbiteriana, às ruas Almirante Barroso e Odon Bezerra, respectivamente; a congregação da Rua Oswaldo Cruz pertencente à Igreja Congregacional e as dos bairros de Santa Rosa e Jeremias, filiadas à Assembléia de Deus. (...)

No setor educacional, a preocupação dos evangélicos é por todos conhecida, existindo escolas primárias em todas as igrejas, valendo ressaltar pelo sentido organizacional que os caracteriza o Instituto de Educação João Clímaco Ximenes, suntuosa sede própria à Avenida Getúlio Vargas já com tradição firmada nessa cidade e as escolas da Assembléia de Deus e da Presbiteriana Independente. (...)

No Campo artístico-cultural, todas as igrejas mantêm conjuntos corais organizados para a interpretação de músicas sacras e cívicas, através do canto orfeônico, além da existência de duas escolas e bandas de música mantidas pelas igrejas Congregacional e Assembléia de Deus, sendo que a desta última obteve destacado lugar no estado em certame realizado no ano de 1960. (...)

No setor da assistência social encontramos o Ambulatório Sinhá Mourão, mantida pela 1ª Igreja Batista a “Caixa de Assistência Social” da Assembléia de Deus, importante sociedade mutualista; a Assistência Social Eduardo Carlos Pereira da Igreja Presbiteriana Independente, além de serviços assistenciais prestados pelas demais igrejas, sendo que a Congregacional está organizando atualmente o seu ambulatório. (...)

Seria impossível a enumeração em artigo de jornal de tudo quanto foi praticado ou de tudo quanto está sendo feito presentemente em organismos evangélicos de Campina Grande; todavia estamos certos de que para o observador imparcial o que aqui por nós evidenciado, basta para a constatação de que as atividades das agremiações representativas desse credo religioso foi inegavelmente positiva para o processo desenvolvimentista da cidade que agora vê transcorrer o seu 100º aniversário.

Diário da Borborema, Campina Grande, p. 4, 18 de outubro de 1964.

Evangélicos participam do Centenário

Perante entusiástica multidão que ocorreu domingo à noite a tradicional Praça da Bandeira, terminou festiva e brilhantemente a campanha evangélica do Centenário, programação realizada pelos protestantes locais integrante as festividades oficiais pela passagem do 100º aniversário de Campina Grande.

O desfile foi abrilhantado pelas bandas de música da Assembléia de Deus desta cidade e da capital pernambucana, sendo que esta última composta de mais de 40 figuras. Apresentou excelentes peças musicais, com uma execução que impressionou a quantos presenciaram a concentração evangélica da Praça da Bandeira, destacando-se a apresentação da obra-prima de Haendel (Aleluia).

Diário da Borborema, Campina Grande, p. 7, 20 de outubro de 1964.

Campinenses participaram da Convenção Batista

A memorável passeata foi abrilhantada pela Banda Batista e por pelotões de moças conduzindo as bandeiras do Brasil e de todos os estados da Federação. Além dos pavilhões de mais de cem países onde há missões dos batistas.

O programa constou do desfile dos pavilhões nacional, estaduais e estrangeiros, discurso do secretário da junta de missões estrangeiras do sul dos Estados Unidos, cânticos de hinos pela multidão, por conjuntos e pelo grande coral das campanhas com cerca de 2000 figuras.

Diário da Borborema, Campina Grande, p. 8, 7 de fevereiro de 1965.

Ginásio Evangélico funciona esse ano

Funcionará no corrente exercício (...) o Ginásio Evangélico, subordinado ao Instituto de Educação João Clímaco Ximenes. Objetivando a instalação do Ginásio Evangélico, o secretário de educação, Sr. Nominando Diniz, em recente ato, nomeou o inspetor estadual de ensino, naquela casa, Professor Raimundo Gadelha Fontes, tendo autorizado provas de admissão para próxima semana.

Diário da Borborema, Campina Grande, p. 3, 19 de fevereiro de 1965.

Ginásio Evangélico inicia ano letivo na quarta-feira

O diretor do Ginásio Evangélico, Professor Euclides Gomes da Costa, informou à reportagem do “Diário da Borborema” que ainda hoje convidará um intelectual para pronunciar uma aula inicial daquele educandário.

Diário da Borborema, Campina Grande, p. 7, 20 de março de 1965.

Evangélicos promoverão Semana de Teatro em Campina Grande

Terá início na primeira semana de agosto do corrente ano a I Semana de Teatro Evangélico de nossa cidade. Será uma promoção das Mocidades Evangélicas de Campina Grande, que estarão coesas no sentido de difundir a arte teatral em nossa cidade. A promoção recebe a coordenação das seguintes pessoas: Divaldo Fernandes e Waldir Rocha (Igreja Congregacional); Josaniel Fonseca (Igreja Batista), José Santana, Demócrito Araújo, Joel Cavalcante e Carlos Alberto Figueredo (Igreja Presbiteriana), Reverendo Sebastião Guimarães (Igreja Presbiteriana Independente). Esta condição vem se movimentando para fazer com que a Semana de Teatro Evangélico se torne um acontecimento inédito na história do teatro em nossa terra.

Diário da Borborema, Campina Grande, p. 3, 23 de março de 1971.

Assembléia de Deus fará festa de jubileu de ouro

A Igreja Evangélica Assembléia de Deus, na Rua Antenor Navarro nº 693, já instituiu comissões para preparar a programação do Jubileu de Prata que ocorrerá em janeiro de 1974.

Para os trabalhos foram criadas cinco comissões, assim constituídas: executiva, Pastor José Apolônio; financeira, Major Cavalcanti, Antônio Bezerra e Manuel Martins; de hospedagem, Raimundo Nonato e João Benedito; relações públicas, Pedro Bezerra, Ruth Moraes e Juraci Farias; de organização e levantamento, Isabel Confessor, Joaci Farias e Francisco Pacheco de Brito.

Tomarão parte da festa a banda da música local, conjunto Cântico Pentecostal, conjunto Cânticos Preciosos, além de outros. Estarão presentes autoridades, vários pastores do sul do país e estados vizinhos.

Diário da Borborema, Campina Grande, p.9, 28 de março de 1973.

Sociedade religiosa tem semana festiva

Informações da Igreja Presbiteriana em Campina Grande indicam que a partir de quarta-feira até o domingo próximo, serão realizados trabalhos especiais no templo da Igreja comemorando o aniversário da união da Mocidade.

A programação toda está sob a responsabilidade dos jovens daquela igreja, que estão em grande movimentação, ultimando os preparativos para o bom andamento da festividade. Estarão presentes conjuntos musicais de Recife e João Pessoa para maior brilhantismo dos cultos.

O Pastor Ismael Feijó e o líder espiritual da Igreja Presbiteriana nesta cidade. Ele se encontra muito alegre com os jovens de sua igreja, e por isso mesmo, espera que a semana de trabalho seja vitoriosa, quanto festiva.

Diário da Borborema, Campina Grande, p. 8, 23 de setembro de 1973.

Evangelistas: congresso feminino terminou ontem

Terminou ontem, às 19 horas, na Igreja Congregacional Central desta cidade, o V Congresso das Uniões Auxiliadoras Femininas da 15ª Reunião Administrativa a União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil.

Durante o Congresso, foram debatidos vários temas entre os quais o lema: “conosco Senhor, nosso Deus, para nos ajudar”, que foi o lema do Congresso e objeto de palestra do Reverendo Edgar Leite, que veio exclusivamente de Caruaru para este fim. Liderança foi de objeto de palestra do Reverendo Armando Torres, de Campina Grande. O congresso teve uma participação efetiva de 30 mulheres.

O Reverendo Daniel Gonçalves Lima, presidente da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil e seu secretário executivo Deneci Gonçalves da Rocha, vieram do Rio exclusivamente para participar do evento e declararam ter encontrado entre os evangelistas congregacionais desta cidade um espírito muito animado, todos dispostos e trabalhadores,

Diário da Borborema, Campina Grande, p. 8, 16 de janeiro de 1974.

Teólogo paulista visita Campina Grande

Encontra-se em visita a Campina Grande o teólogo e professor de Filosofia Paulista Irineu Monteiro de Pinho. Esta é a quarta vez que o ilustre intelectual visita nesta terra, onde segundo a firma tem encontrado verdadeiros seguidores dos ensinamentos bíblicos.

“Conheci por outro lado pessoalmente o grande José Lins do Rêgo. Cheguei a entrevista-lo para o jornal ‘O Tempo’, um antigo matutino de São Paulo. Em minhas atividades de imprensa, conheci também o velho José Américo. Antes havia lido ‘A Bagaceira’ e é interessante lembrar aqui que, em homenagem a ele em 1973 (cursava eu a universidade de Mogi das Cruzes, realizando a especialização em literatura brasileira moderna), ‘A Bagaceira’ foi eleita para um período de análise literária.”

Diário da Borborema, Campina Grande, p. 2, 22 de janeiro de 1974.

Batistas comemoram seu 52º aniversário

A Organização Eclesiástica da Primeira Igreja Batista de Campina Grande, estará comemorando, no próximo dia 5 de março, seu 52º aniversário, aqui, no Planalto da Borborema. Para festejar, convidou-se o Pastor Tomáz José de Aguiar Munguba, para a entrega da mensagem da mensagem de gratidão. O Pastor Tomáz é o líder espiritual da Primeira Igreja Batista de João Pessoa e foi um dos preletores do II Acampamento da JUBAIBA.

Durante as solenidades deverá ainda estar presente o conjunto da mesma igreja, denominados Mensageiros de Cristo. Este conjunto é composto por jovens dedicados a causa da religião e ao culto Batista.

Para maior brilhantismo das festas de aniversário da Igreja Batista Campinense, estão sendo convidados os campinenses em geral, as igrejas evangélicas e a imprensa para se fazerem presentes ao local da reunião que deverá ser no dia 5, às 20 horas, na Primeira Igreja Batista em Campina Grande.

Diário da Borborema, Campina Grande, p. 8, 3 de março de 1974.

Pastor diz que carnaval é uma festa profana

“O Carnaval é uma festa profana pelo fato de ser uma expansão de apetites unicamente carnais, contrariando os princípios bíblicos. Desta forma é uma prova do divórcio do homem com Deus.”

Palavras do Pastor da Igreja Batista do bairro da Liberdade, Baruch da Silva Bento, tecendo comentários acerca do Carnaval.

Para todos os jovens daquela Igreja, como também para os mais velhos, desde o último sábado, prolongando-se até terça-feira à noite, está havendo um retiro no acampamento batista, em Lagoa Seca. Só do bairro da Liberdade, estão participando 32 jovens.

Diário da Borborema, Campina Grande, p. 10, 5 de fevereiro de 1978.

Pastor Campinense pode ser indicado ao senado pelo MDB

A terceira sub-legenda do MDB, na disputa para o senado e cuja indicação caberá ao diretório municipal de Campina Grande, ao que tudo indica, recairá no evangélico Josué Silvestre que nesta cidade coordenou as campanhas políticas de Argemiro e Petrônio Figueiredo, Newton Rique, Ronaldo e Ivandro Cunha Lima.

Sabe-se que os evangélicos paraibanos estão na disposição de sufragar o nome de Josué Sylvestre, da legenda do MDB, para o senado e para deputado estadual tornarão a votar em Sócrates Pedro, pois embora sendo da ARENA, não há a vinculação dos votos destinados aos candidatos a senador e a Assembléia Legislativa.

Chega-se a essa conclusão quando se sabe que Sócrates tornará a contar com o apoio dos pastores protestantes do Estado, ao mesmo tempo em que Josué conta com uma proclamação, no mesmo sentido, assinada por 31 pastores evangélicos.

Carta a Ivandro

O apoio dos pastores a Josué Sylvestre foi feito através de carta endereçada ao Senador Ivandro Cunha Lima, presidente do MDB de Campina Grande e tem a seguinte redação: “Embora nossas igrejas não participem direta ou indiretamente de qualquer atividade política, os evangélicos, como cidadãos têm direitos e deveres como quaisquer brasileiros. Isto posto, na condição de pastores e oficiais, desejamos manifestar através desta mensagem, nossa simpatia pelo surgimento da candidatura do líder evangélico, jornalista Josué Sylvestre ao senado da República. Temos certeza que, em todo o estado da Paraíba, a candidatura do nosso estimado irmão e amigo merecerá entusiástico apoio dos nossos irmãos, na esperança de que o nome de Josué Sylvestre seja efetivamente homologado, nós agradecemos.”

Um outro triunfo apresentado por Josué Sylvestre, ontem, à direção do partido a capital, foi uma outra carta endereçada ao Senador Ivandro Cunha Lima, de diretorianos e suplentes de vereadores do MDB campinense, solicitando que o nome do evangélico seja levado à convenção de domingo.

Finalmente, um outro triunfo apresentado por Josué Sylvestre, foi uma missiva dirigida ao presidente do diretório municipal do MDB em Campina Grande, subscrita por filiados daquela agremiação e endossando a opinião dos suplentes de vereadores e diretorianos com relação à necessidade de que seja apresentado um candidato a senador numa sublegenda para o pleito de 15 de novembro próximo e destacando que, atualmente “o nome que melhor reúne condições político-eleitorais para essa luta é do valioso companheiro de muitas jornadas.”

Diário da Borborema, Campina Grande, p. 3, 20 de julho de 1978.

Sylvestre diz que não há divisão no MDB de Campina

Otimismo – Josué Sylvestre voltou a expressar seu otimismo, afirmando que “confio plenamente na vitória, hoje, durante a prévia que a convenção do MDB realizará.”

“O que ofereço ao meu partido é a coragem, a determinação e a capacidade de luta para percorrer o Estado, de Cabedelo a Cajazeiras, levando ao povo da Paraíba a mensagem libertadora da oposição, combatendo os erros do governo e apontando os caminhos da redenção do povo brasileiro.”

Finalizou dizendo que “já se arregimentam para a luta, ex-companheiros de jornadas políticas, irmãos evangélicos de todas as denominações. Faremos uma grande avalanche de entusiasmo e trabalho que correrá milhões de votos para o MDB, pois para isso temos conhecimento dos problemas, capacidade de transmissão e vocação para a vida política.

Diário da Borborema, Campina Grande, p. 2, 23 de julho de 1978.

Evangélicos não votarão em Ary

“Os evangélicos de Campina Grande não tem interesse em votar no candidato a senador pelo MDB, vereador Ary Ribeiro, pois foram contrariados na preterição do jornalista Josué Sylvestre.” A afirmação foi feita ontem na redação do DB por um pastor campinense que solicitou que o seu nome não fosse revelado, sob a alegação de que “como um dos subscritores do manifesto de solidariedade à candidatura de Sylvestre, estou autorizado a falar em nome dos pastores e oficiais das igrejas evangélicas da cidade.”

Recordou que os evangélicos, através de suas lideranças – pastores e oficiais de igreja – “embora se façam política partidária, indicaram ao MDB o nome do jornalista Josué Sylvestre, um dos candidatos à sublegenda do MDB para o senado, que levaria o compromisso de sufragar por larga margem de votos o nome de Josué a não homologação deste, porém vem ocasionando um mal estar muito acentuado nos meios evangélicos da Paraíba, por ser aquele postulante um cidadão de largo conceito em todos os setores de atividades, não só no meio evangélico, como também na representação cultural da Paraíba.”

Não votam

Depois de assegurar que Josué Sylvestre estava “a altura de representar o nosso estado na alta câmara do país”, o pastor evangélico campinense, respondendo a uma indignação, revelou que “o MDB assim, perdeu milhares de votos”, pois “de maneira nenhuma sufragamos o nome do candidato Ary Ribeiro, o que representará um prejuízo para a legenda da oposição.”

Diário da Borborema, Campina Grande, p. 1, 27 de julho de 1978.

Pastor Ximenes: povo evangélico vota em quem quer e sem coação

“A nossa preocupação é levar o evangelho a todas as camadas sociais, a fim de que possamos ver o desenvolvimento do homem não só no sentido científico e tecnológico, mas também no sentido moral e espiritual. O nosso povo vota em quem quer, sem nenhuma coação e com plena liberdade.”

Essa manifestação do titular da Igreja Congregacional foi o propósito de uma notícia divulgada ontem pela imprensa local, com afirmações de um outro evangélico da cidade cujo nome não foi revelado a seu pedido, dando conta que os membros das igrejas evangélicas locais não iriam votar no candidato emedebista ao senado, vereador Ary Ribeiro, por ter sido o jornalista Josué Sylvestre preterido pelo MDB como postulante ao senado.

Surpresa

O Pastor Alexandre Ximenes adiantou ainda que “fiquei surpreso ao ler nos jornais de hoje (ontem) uma manifestação contrária ao vereador Ary Ribeiro em nome dos evangélicos campinenses, tenho como meu dever esclarecer ao público de um modo geral que tais declarações não foram prestadas pela minha pessoa. Analisando as mesmas pude ver certas precipitações que me deixaram estupefato e, ao mesmo tempo, apreensivo.”

Diário da Borborema, Campina Grande, p. 9, 28 de julho de 1978.

Josué: fui injustiçado, mas não dividirei o MDB

“Afirmo no discurso proferido na convenção de MDB que meu compromisso é com o povo. Assim mesmo considerando-me injustiçado, não dividirei o MDB partido que ajudei a organizar no Estado da Paraíba, enquanto muitos que votaram contra mim na prévia do dia 23 estavam escondidos sob a capa da omissão, da acomodação ou do medo”. Revelou ontem o jornalista Josué Sylvestre, ex-candidato a sub-legenda do MDB ao senado que perdeu para o senador Ary Ribeiro.

“Como soldado permanente da democracia e de luta pelos legítimos interesses do povo, não poderia cindir o partido que atualmente é o único instrumento legal para a manifestação da vontade popular. Entretanto, tenho o dever de dar uma satisfação a correligionários e amigos que já se engajavam na campanha bela e dinâmica que faríamos.” Complementou.

Evangélicos

O ex-candidato à sublegenda acha que inquestionavelmente ele traria a legenda contingentes evangélicos de Cabedelo a Cajazeiras. “Tenho cópia e o original está com o deputado Humberto Lucena da mensagem enviada ao MDB por 31 pastores e oficiais da Igreja Evangélica, com atuação em cerca de 70 municípios do Estado, assegurando apoio ao meu nome. Eles votariam no evangélico Josué Sylvestre, e não no emedebista Josué. É evidente o prejuízo que o partido terá, pois esses votos se dispersarão pelas seis candidaturas ao senado.”

“A propósito, quero esclarecer que não havia um compromisso das igrejas. Eu próprio não aceitaria tal colocação. O que havia era a solidariedade de pastores e líderes, como cidadãos e eleitores, alguns deles eleitores inclusive votariam pela primeira vez na oposição conforme fizeram questão de declarar.”

Diário da Borborema, Campina Grande, p. 2, 2 de agosto de 1978.

A Ex-Darlene Glória volta a Campina para pregações evangélicas

A ex-atriz de cinema, teatro e televisão, Darlene Glória, estará realizando pregações evangélicas a partir de hoje, no templo do Tabernáculo Evangélico, localizado às margens do Açude Velho.

A ex-Darlene Glória, hoje Helena Brandão, vem a Campina Grande pela segunda vez, e sua mensagem, acompanhada de músicas sacras interpretadas por ela mesma, é um alerta contra as drogas, a embriaguez e a vida desregrada que já foi a tônica de sua existência e entende ser este o caminho percorrido por grande parte da juventude dos nossos dias. Com ela também se apresentará seu marido, o pastor evangélico Marcos Vinicius, pregador sacro.

As reuniões terão início às 19:30 hs. Gerson Barbosa espera grande comparecimento hoje e amanhã, especialmente de pessoas não evangélicas e que desejam conhecer a experiência de uma “jovem que alcançou os píncaros da glória como artista e não tinha paz, somente alcançada segundo ela, quando entregou sua vida a Jesus Cristo”.

Helena Brandão (ex-Darlene Glória), está vindo de uma série de conferências na Igreja Episcopal do Recife, onde realizou, além das pregações noturnas, palestras exclusivamente para moças e senhoras, durante alguns dias da semana passada.

Diário da Borborema, Campina Grande, p. 9, 2 de agosto de 1978.

Ary: o povo conhece até meus sentimentos

Em nota redigida, a punho, de apenas oito linhas, o vereador Ary Ribeiro, candidato do MDB ao senado, representado a oposição campinense afirmou ontem que é um homem de vida pública conhecida em Campina Grande e que “o povo me conhece até mesmo na intimidade dos meus sentimentos.” Esta sua manifestação foi a propósito das declarações do jornalista Josué Sylvestre, ex-candidato à sublegenda do MDB ao senado, que perdeu para Ary Ribeiro na eleição preliminar da convenção regional do partido, para indicação das candidaturas que postularam a senatoria, nas próximas eleições.

Ary Ribeiro criticou indiretamente o seu colega de partido que voltou a insinuar que houve manobras “articuladas” pelos próprios companheiros do partido que o prejudicaram, ao mesmo tempo em que voltou a se considerar um candidato em melhores condições do que o indicado pela imprensa. Ary foi taxativo: “Hoje, aos 41 anos, tenho certeza de que a infância já passou por mim.” Conclui.

Diário da Borborema, Campina Grande, p. 8, 3 de agosto de 1978.

Josué acha que candidatura de Campina é idéia do povo

“Por mais honroso que seja, não posso aceitar a paternidade de uma idéia de tanta magnitude como a campanha pela indicação de candidatos de Campina Grande ao governo do Estado. Ela é de todo o povo campinense.” Assegurou ontem o jornalista Josué Sylvestre, assessor parlamentar do Senador Ivandro Cunha Lima, autor de um artigo publicado no DB, defendendo a eleição de um filho da terra no cargo de governador da Paraíba, via eleições diretas em 1982, que mereceu comentários na Câmara Municipal, pelo vereador Lindaci Medeiros, do PMDB, com a adesão à tese de outros peemedebistas locais.

“O que fiz, na realidade, foi interpretar os sentimentos do povo de Campina Grande e dos demais municípios do compartimento da Borborema. Aliás, a iniciativa não foi tomada em termos partidários, mas no âmbito longo e abrangente do interesse comunitário. Neste momento, como assinali claramente no artigo focalizado pelos comentários da imprensa e registrado nos anais da Câmara Municipal por indicação do vereador Lindaci Medeiros, não nos interessa propor nomes nem sugerir legendas partidárias.” Complementa Josué Sylvestre.

Conscientização

Segundo ainda o jornalista e assessor parlamentar do senador Ivandro Cunha Lima, que se encontra em Campina Grande, coordenando a festa que será realizada no próximo sábado, em comemoração ao transcurso dos 50 anos de idade do parlamentar campinense, “o

movimento é muito amplo para ficar jungido aos limites de um partido político” e explica por que:

“A idéia não pode ser bandeira isolada do PMDB, mas está começando como um processo de conscientização e divulgação de uma vontade latente e culminará como uma incontornável e avassaladora demonstração de força da comunidade disposta a retomar o seu destino de permanente desenvolvimento.”

Diário da Borborema, Campina Grande, p. 2, 23 de maio de 1980.

Gideões Internacionais fazem encontro regional hoje em Campina Grande

A partir das oito horas da noite, no auditório do antigo INPS, à Rua João Lourenço Porto, estarão reunidos no I Encontro Regional do Nordeste, os “Gideões Internacionais”, entidade evangélica que distribui a Bíblia Sagrada, gratuitamente, em mais de 120 países.

Além dos representantes nordestinos, também estão em Campina Grande membros da diretoria nacional da entidade, como o presidente Sr. Gunther Kuhnrich, executivo empresarial na capital paulista; o vice-presidente, jornalista Josué Sylvestre, de Brasília; o tesoureiro industrial Bonfim Aguiar de Ribeirão Preto, SP; e o secretário executivo, advogado Antônio Alvim, residente em Campinas, SP, onde está localizada a sede de “Os Gideões Internacionais do Brasil”.

A programação do encontro engloba palestras e treinamento para os Gideões do Nordeste, relatórios das atividades, um culto evangélico no calçadão, um jantar de confraternização com pastores da cidade no Clube Campestre e visitas as principais igrejas evangélicas de Campina Grande, amanhã pela manhã. O conclave será encerrado amanhã as 12 horas.

O grupo local será desenvolvido intensa distribuição de novos testamentos e em outras áreas definidas no manual de atuação de “Os Gideões”.

Diário da Borborema, Campina Grande, p. 8, 31 de maio de 1980.

Ex-atriz Darlene Glória entrevistada no Canal

A ex-atriz Darlene Glória, agora irmã Helena Brandão, convertida ao cristianismo praticante pela Assembléia de Deus, está em Campina Grande desde quarta-feira, atendendo convite do Pastor Gerson Barbosa, proferindo uma série de conferências nos templos evangélicos da cidade, amanhã até domingo.

Irmã Helena Brandão, concedeu entrevista ao programa “Confidencial”, da TV Borborema, Canal 9, ao jornalista Chico Maria, respondendo as mais variadas perguntas, inclusive do público que escreveu à produção do programa.

Na entrevista falou sobre beleza, conversão à sua religião, problemas e relacionamento da família e como destaque ressaltou que o divórcio em um mal necessário.

Sobre a sua beleza física como ajuda à sua palavra, ela respondeu: “Eu acho que as pessoas vão mais pela curiosidade de ver uma ‘ex’, e nesse espírito de curiosidade Deus opera. A beleza física é uma coisa tão passageira. A palavra de Deus diz que a beleza é como a erva, seca-se a erva e coloca-se no fogo, mas não é pecado conservar a beleza, porque é uma coisa que Deus fez, não esta arma que nós usamos. Se Deus me fez perfeita, glória a Deus que tudo isso é usado para a glória do Senhor. Mas não a fim de estribar na sua carne, porque se

eu fosse confiar nisso, eu não ajudava ninguém. Como diz o hino, de mim mesmo, nada tenho em que possa confiar, mas Jesus morreu na cruz para nos salvar.

Diário da Borborema, Campina Grande, p. 8, 7 de março de 1981.

Crime do Cemitério: bispo e padre condenam violência

Longe de Deus – para o Pastor Claudenor Gomes de Sousa, da Igreja Congregacional Central, desta cidade, o atentado sofrido pelo marchante Orlando Pereira da Silva, no interior do cemitério Nossa Senhora da Conceição, na última segunda-feira, embora não tenha ainda sido comprovado, aconteceu por vingança, mas admite que pode ter sido um erro de pontaria por parte do atirador, já que na ocasião existia dezenas de pessoas no local.

Claudenor Gomes analisou o bárbaro e inusitado crime, na qualidade de homem religioso e baseado na Bíblia, disse que “está escrito naquele livro sagrado de Deus que muitos crimes iriam acontecer na face da Terra e acha que ele tudo isso está sendo comprovado, pois como se vê, a cada dia que passa, a criminalidade se alastra, não só nesta cidade, e sim em todo o mundo.” Segundo ele, outras cenas como aquela continuará acontecendo.

Ele afirmou ainda que o fato de ter sido registrado o tráfico incidente no interior do Campo Santo, já pode ser encarado como uma normalidade, devido ao grande número de assassinatos que vem ocorrendo, ultimamente.

- Esse homem – continuou, - quando praticou esse crime, de antemão podemos informar que estava longe do amor de Deus, naquela ocasião, embora tivesse no Cemitério participando de um sepultamento, que para mim é um ato solene, e ainda por cima, merece o respeito por parte dos presentes, mas como ele não estava com Deus, cometeu este erro. Por esta razão, não tem muita estranheza, ter sido naquele local, como o autor dos disparos estava no momento, poderia ter praticado em qualquer lugar - disse ainda Claudenor Gomes – que o criminoso, quando for localizado pela polícia, além de ser enquadrado nas penas de artigos por homicídio, será também enquadrado nas penas de artigos porque desrespeitou os mortos, e ainda perturbou um sepultamento, o que não pode acontecer.

Diário da Borborema, Campina Grande, p. 5, 11 de março de 1982.

Irmã Helena Brandão lança livro no Calçadão

“Minha Experiência com os Espíritos”. É o título do livro, uma autobiografia da ex-atriz de cinema Darlene Glória, hoje irmã Helena, lançado ontem à tarde, no calçadão da Rua Cardoso Vieira, seqüenciado de uma pregação que reuniu naquela praça centenas de pessoas durante cerca de 30 minutos.

Na sua pregação, Irmã Helena fez um ligeiro retrospecto de sua vida como atriz de cinema e de teatro, envolvida com tóxicos e bebidas alcoólicas, exortando as pessoas que a ouviam a seguir o seu exemplo, de aceitar o evangelho e mudar de vida.

Irmã Helena lembrou que durante muitos anos, até mudar radicalmente seu modo de vida, era uma mulher famosa em todo o país, que vivia envolvida com bebidas alcoólicas e drogas, para livrar-se de uma angústia que predominava em seu íntimo.

Segundo a ex-atriz, sua paz espiritual só foi alcançada quando aceitou o evangelho, ingressando na Igreja Congregacional e aceitando Cristo como salvador.

Irmã Helena está em Campina Grande desde o começo da semana e aqui permanecerá até amanhã, fazendo palestras nas igrejas evangélicas da cidade, bem como vendendo seu livro que é um depoimento seu sobre as duas fases de sua vida, da atriz Darlene Glória e da Irmã Helena.

Diário da Borborema, Campina Grande, p. 8, 2 de março de 1982.

Evangélicos aderem movimento pelas Diretas

Visando a “construção de uma sociedade justa e humana”, um grupo de evangélicos criou, esta semana, em Campina Grande, o comitê Evangélico Pró-Eleições Diretas. Esse comitê vai ensaiar seus primeiros passos na luta política pelo restabelecimento do pleito direto em todos os níveis no dia 29 do corrente, na grande concentração pública que acontecerá nas proximidades da Praça da Bandeira.

Após esse comício, os evangélicos iniciarão uma marcha dos bairros fazendo concentrações relâmpagos pedindo o apoio do povo para que isso venha influir na aprovação da emenda Dante de Oliveira, que altera a Constituição e restabelece o pleito direto à presidência da República.

“Teotônio Vilela”

Enquanto isso, o comitê Teotônio Vilela prepara a propaganda para a grande concentração do dia 29, que deverá contar com a presença de vários políticos do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, além do prefeito Ronaldo Cunha Lima que já confirmou sua participação. Durante todo esse final de semana o “Teotônio Vilela” estará promovendo comícios relâmpagos pelos bairros e feiras de Campina Grande alertando o povo para a necessidade das Diretas.

Diário da Borborema, Campina Grande, p. 2, 25 de janeiro de 1984.

Entrevista feita ao Senhor Ridalvo Alves, teólogo, ex-integrante da Igreja Assembléia de Deus, em Campina Grande, Paraíba, no dia 09 de fevereiro de 2007.

Podemos observar que na nossa contemporaneidade, existe um fenômeno em que os protestantes podem ou não estar ligados, quer seja integralmente ou parcialmente, com os interesses políticos. Gostaria de saber através das informações que o senhor conhece, como eram essas reações que igrejas protestantes si possuíam diante desse processo político tão conturbado. Será que havia certa relação presente, ou procurava se esquivar um pouco tornando mais evidente uma separação política e religião?

Pois bem, nos anos 1960 que é exatamente quando a ditadura eclode, é quando fizemos à questão de ver a reverência evangelística no Brasil. Algo que vivemos nessa época onde o catolicismo predominava no Brasil, a ditadura coincide exatamente quando o Brasil está passando por uma transformação industrial, onde estão se implantando as indústrias automobilísticas e é um momento de mudança no Brasil, de maneira tal que o movimento evangelístico acontece nesses anos 1960. Basicamente envolvendo as igrejas como Brasil Para Cristo, Deus é Amor e Igreja do Evangelho Quadrangular, que daí fizeram grande mobilização evangelística, e a “coisa” realmente cresceu, pois foi um impacto de confronto com a Igreja Católica que tinha aquela visão de monopólio religioso de maneira tal que foi um movimento assim, muito “singular” no Brasil para os anos 1960. Ali nós poderíamos dizer que a Igreja Evangélica, com o trabalho evangélico, cresceu muito numericamente e desenvolveu muito numericamente. Mas a questão que envolve a política é, assim, muito tímida com o movimento (evangélico). Nós vimos, por exemplo, Manoel de Melo, ele já tinha alguém que o apoiava como Deputado Federal, ele procurou eleger um filho dele na época, isso já é mais na frente, nos anos 1980. Não havia nenhuma visão com relação à visão política, mas ela tinha uma visão voltada totalmente para o campo evangelístico. Aí passou por uma década, entrou os anos 1970 e o trabalho missionário começou a trabalhar pra implantar uma nova igreja, institucionalizou a questão a um movimento institucional, aí estabeleceu em 1975, construindo um dos maiores templos da América Latina. Evidente que ele estabeleceu esse templo e começou a realizar o movimento evangelístico que seria a Igreja Brasil Para Cristo.

Isso em nível de Brasil, só na América do Sul, evidentemente a Igreja Brasil Para Cristo tinha uma relação com o Conselho Mundial de Igrejas e um movimento ecumênico. Ela estava pelo fato exatamente de pode alavancar alguns trabalhos sociais, em escolas, ajudar os órfãos, os centros de reabilitação. Por certo, seria uma ligação que poderia estar vinculado a projetos sociais. Evidentemente, a igreja evangélica se mostrava contra, piamente, o movimento do concílio mundial de Igrejas e a Igreja Brasil Para Cristo foi atacada como “ecumênica” pelo fato de estar ligado a esse conselho mundial de igrejas.

Um detalhe interessante que o senhor está comentando é sobre um “despertar” as questões sociais desta época pela Igreja evangélica. Em Campina Grande, as igrejas evangélicas desenvolviam algum projeto social, manifestando interesse na própria população no campo social?

Sim, muito bem. Porque quando eu comecei “pegar” a nível Brasil, depois esse movimento chegou em São Paulo, mas chega no Nordeste, porque esse movimento evangelístico está atrelado aquele movimento pentecostal que vem se achegando ao Nordeste, chegando na região da Paraíba, onde se concentra aqui em Campina Grande. Falando de Campina Grande, ele se concentra exatamente na visão tradicional, então as igrejas vão

estar preocupadas com esse fato, essa questão. Então Campina Grande tinha realmente aquele comportamento tradicional, as igrejas Batista, Presbiteriana e a Congregacional. Basicamente eram as igrejas de maior porte em Campina Grande na área tradicional, onde a igreja pentecostal envolvia maior relevância na Assembléia de Deus.

Ela tinha um comportamento muito vasto de atitudes, inclusive no seu apogeu, com Apolônio Cardoso. A Igreja Presbiteriana, por sua vez, estava com o Pastor Ageu. Depois o Pastor Ismael Feijó, e foi o momento de grande envergadura da Igreja Presbiteriana, em Campina Grande. A Igreja Batista com o Pastor Brito, entendeu que é uma força evangélica fortíssima em Campina Grande, beirando os anos 1980 em diante. A Igreja Congregacional com Alexandre Ximenes, com uma proporção muito grande, mas tinham aquele comportamento mais envolvente com a tradição. Não havia preocupações fundamentais com a questão de obras sociais, de implantação de projetos na área social. Fundamentalmente era aquela questão de âmbito religioso fechado, onde a visão se resumia apenas na dimensão da área e de templo onde se reuniam como igreja ou congregação. Realmente quando torna esse movimento no Brasil, o movimento pentecostal se movia. Esse movimento era evangelístico e com uma visão evangelística e pentecostal, de maneira tal que, quando nós partimos para a questão de Brasil, do movimento eles não tinham muita ligação política. Havia uma “coisa” muito tímida, muito temerosa com a política. Praticamente, obras sociais eram muito remotas. Campina Grande se mantinha assim, nos anos 1970 e anos 1980, o comportamento era fundamentalmente o mesmo, muito tradicional.

O período ditatorial foi um período marcado pelas censuras, onde houve grande controle em relação à transmissão de informações, de modo que essas mesmas informações transmitidas em grande escala não denegrise a imagem política do governo militar em vigência. Gostaria de conhecer como as igrejas protestantes reagem diante desse acontecimento, se caso passavam por esse mesmo processo de censura.

Bom, a gente sabe que havia um controle muito grande na questão da expressão da comunicação e como a gente tinha uma forma de ditadura. Você expor sua opinião, falar alguma crítica com o governo evidentemente podia haver repressão e outras coisas como a opressão, etc. isso realmente é algo inédito nesse processo da política brasileira. A Igreja evangélica já tinha um processo histórico de ter aquela obediência aos governantes, o que conforme o texto citado aos Romanos, onde Paulo interessa aquele texto ao Império Romano a outras questões, sendo generalizado no campo da doutrina evangélica, pra você não fazer nenhuma conotação crítica ao governo, apenas orar por ele, embora as “coisas” evidenciassem uma contradição política, ou seja, permanece em silêncio passivo na situação, e a Igreja evangélica se comportava dessa maneira.

A igreja evangélica apresentava certo relacionamento com o civismo, independente do regime político militar?

É realmente a Igreja fundamentalmente evangélica tinha aquela visão patriótica de civismo, o que isso fazia parte da educação da Igreja e do próprio sistema educacional, onde certa visão aparentemente demonstrava isso com realidade patriótica. O próprio cidadão expressava como tendo aquela formação cultural vinculada à igreja e a educação. Ele está sendo disseminado, com o respeito à nação esse respeito à bandeira, tudo isso era evidente. Essa relação mútua entre educação social e cristã era passado evidentemente dentro da comunidade cristã, sendo assim muito respeitável, porque se acreditava piamente que esse vínculo patriótico existia e, portanto, devia se comportar passivamente com uma série de “coisas”. A liderança não fazia avaliação crítica, mas simplesmente se comportava naquele

âmbito fundamentalmente religioso com uma posição fundamentalmente ocidental, nos moldes europeus. Então eu acredito que nesse processo ela se tornava muito passiva, mais ainda com a relação a essas questões, enfocando exatamente num período onde observávamos fundamentalmente a igreja se comportando alheio à política ou indiferente e passiva a uma visão crítica e social, não podendo expressar ou fazer uma crítica ao governo e seu sistema. Outro fator também que acredito estar atrelado é a própria formação teológica, os conceitos e os dogmas, acredito eu, que tornava mais enclausurada em si mesmo, indiferente também aos problemas sociais, achando que não tinha mais nada com a situação. Eu acredito também que a visão teológica era uma visão tradicionalista e espiritualista. Você tem que ser uma pessoa fundamentalmente religiosa e espiritual porque o conceito religioso da teoria ocidental trouxe esta visão que você desenvolve o aspecto espiritual onde você não está totalmente vinculado a um sistema que diz respeito a sociedade, aos problemas que existem no social. Eu acredito que isso é algo que fica encubado em determinado tempo. Daí o que nós colocamos as razões pelas quais colocamos a igreja não se envolver com a política, distante do contexto político social até um certo momento. Vamos dizer dentro do contexto de Campina Grande que ela se comporta dessa maneira divorciada. As coisas vão acontecendo durante o tempo, quando esse momento da ditadura, vai realmente sinalizando a através do processo político, vai havendo uma conscientização como houve no processo de re-democratização no país pelas Diretas Já. Daí vai tomando outro rumo social principalmente, onde entramos com a questão da livre expressão. Eu acho que a livre expressão é uma coisa fantástica porque você pode expressar, pode avaliar, pode fazer uma crítica.

O senhor acredita que, com a abertura da liberdade de expressão nesta última fase da Ditadura Militar, possibilitou o pluralismo religioso e a uma diversidade evangélica cada vez mais presente?

Muito bem. Isso realmente a gente observa que houve um impacto de mudanças dentro do contexto, um impacto de mudanças dentro do contexto da igreja evangélica, principalmente o que diz respeito a política. Nessa fase da re-democratização, a igreja evangélica começa a colocar sua cara dentro do campo político. Evidentemente a gente observa no contexto da democracia dos anos 1980 uma fase que nós convivemos, que foi exatamente esse novo fenômeno do comportamento religioso sem muito envolvimento ou compromisso com a questão teológica, então esse movimento, quando começou a acontecer exatamente um envolvimento em discussões políticas. A igreja evangélica começou a dar suas opiniões e também formarem bancadas e direcionar partidos, etc. Dentro desse processo dos anos 1980, onde se observa o pluralismo religioso, ao contrário das igrejas tradicionais de origem européia e americana que se situaram no Brasil, nos vemos esses movimentos neo-pentecostais estarem dentro de nossa cultura, surge dentro do nosso contexto com as nossas familiaridades.

Devido a certa abertura de conciliação das práticas religiosas a certas práticas culturais, permitindo a sacralização dos costumes, antes mais restritas, isso não vai gerar grandes efeitos nas igrejas?

Perfeitamente. Você vê que a primeira coisa que há é esse impacto cultural, religioso e político. Bem que ela já se comporta a Igreja evangélica, interessada com esse envolvimento, essas preocupações, e a gente observa basicamente as igrejas pentecostais, neo-pentecostais, também grande parte das igrejas tradicionais, que eram antes totalmente alheias, entram nessas questões. Daí a gente tem certo a participação de discussões entre os

próprios líderes da igreja em aspectos que envolvem a conscientização entre o meio cristão que antes não havia. Essa preocupação da igreja participar exatamente do campo político, não somente nas opiniões, mas simplesmente tendo sua atuação direta, onde a igreja poderia eleger seus candidatos. A igreja poderia também chegar aos governantes, junto às bancadas e poder ter uma influência à participação, coisa que era muito remota nos anos 1960. Nos anos 1980 é que observamos esse crescimento, dando a entender que a igreja evangélica poderia alavancar em projetos onde ela pudesse comportar de maneira benéfica. Quem sabe fazer aquilo que os anteriores não fizeram. Por questões de outros segmentos e interesses mais. Parece-me que, evidentemente, a história não é assim certa, por exemplo, o que envolve a questão da participação direta nos anos 1980, a igreja evangélica conseguiu realmente entrar com grande força, penetrando principalmente as igrejas pentecostais e neo-pentecostais, por exemplo, a Assembléia de Deus, que tem um segmento muito mais teológico e as neo-pentecostais, que se desenvolvem a partir dos anos 1980, derivação dos pentecostais que entram nesse campo aberto para dar sua contribuição e que se observa nesse campo aberto, caindo em certos comprometimentos com a sociedade. Você vai ver que, quando nós envolvemos a questão política, nos vemos que, na realidade, havia uma preocupação com a fidelidade às escrituras, fidelidade cristã nas decisões que houve, por exemplo, onde há participação de bancada, entende-se ser fiel à fé nas discussões e realmente isso não aconteceu no seu comportamento. Grande parte entraram no sistema, não sendo muito bem visto pela comunidade em geral que a igreja tanto tempo ficou passiva. A gente vê que a igreja, de certa forma, acompanha certos costumes pós-modernos, aí entra em certas situações, já não tão dogmáticas como anteriormente, abrindo espaço certos comportamentos liberais. Isso envolve, por exemplo, roupas, vestimentas, certas questões de poder participar de festividades sociais. Isso foi mudando a mentalidade, sendo um âmbito de participação da aceitação da sua teologia, aliando também o vínculo histórico e social, que foi mudando ao longo do tempo.

As necessidades sociais sempre foram presentes no campo religioso, principalmente porque nos últimos anos, contando os anos 1980, desde as tradicionais até as consideradas emergentes, o grande enfoque está voltado para os problemas que circundam no cotidiano do homem. Problemas encontrados na saúde, nas finanças e na família são debatidos e postos em questão no discurso evangélico. Com base nisso, até que ponto as igrejas vão lançar essa “nova” proposta de religião a partir das necessidades vitais das pessoas e, por que não, da sociedade?

Perfeitamente o comportamento pentecostal e neo-pentecostal tem uma certa aproximação do público, com relação as necessidades mais prementes das pessoas, daquele que frequenta, tanto que essas necessidades são aquelas mais vastas. Por exemplo, questões sentimentais, questões de ordem financeira, estrutura familiar e as questões que envolvem a saúde. Então as igrejas pentecostais e neo-pentecostais, principalmente, apresentam uma proposta, uma “solução” para este grande público de poder desenvolver essa problemática que, na verdade, as igrejas conservadoras tradicionais não atuavam muito. Beneficamente, nesta parte, a teologia, no seu padrão, não atendia a fundo essa necessidade, ficava um pouco distanciada. A igreja neo-pentecostal entra com a visão, onde aconteceu exatamente o seu grande crescimento fenomenal, onde as pessoas buscam nas igrejas as soluções para seus problemas do mais simples ao mais complexo, para que a igreja possa salvá-las. Daí esta a preocupação que a gente chama do aqui e agora, porque, de certa forma, existia uma pregação muito forte da vida eterna e a salvação para as pessoas. Ela tinha um cunho escatológico. Mas o pentecostal mais contemporâneo volta mais para o aqui e agora, para os seus problemas. Aí está o crescimento fenomenal, mas acredito que existe uma mudança na

percepção da fé, onde o cristão entra em condição de “barganha”. Dentro deste plano religioso, eu chego à igreja, faço o que me pede e eu recebo o que estou precisando. Por outro lado, isso cresce muito dentro do fenômeno que nos chamamos de “mercantilização da fé”, que é muito forte no seguimento neo-pentecostal. Já nos anos 1960, não há esse comportamento religioso, mas a partir disso, se percebeu que a igreja evangélica a partir dali cresceu muito numericamente.

Campina Grande não é diferente. Cresceu também entre os anos 1970 e 1975. Já se percebeu dentro do Nordeste um crescimento evangelístico muito alto. Porque antes havia o predomínio da Igreja Católica, mas é nessa época onde nós tivemos o maior crescimento da igreja evangélica nessa época e, evidentemente, isso tem uma repercussão internacional. Tal qual nós falamos, esse crescimento numérico evangelístico não tinha essa relação de “barganha” do cristão da igreja pós-moderna. Ela tem a preocupação precípua de levar o evangelho, para uma pregação mais contundente aos ouvintes. Percebemos que há uma recepção do público e um crescimento vasto, mas se percebe basicamente no movimento dos anos 1960 em diante que nós não observamos um âmbito profundamente mercantilista.

Hoje, a participação da esfera evangélica na política é ativa, diferente do que havia no cenário nacional e regional entre os anos de 1964 a 1984. Diante de uma restrição participativa na Ditadura Militar, além das relações entre política e igreja evangélica não serem tão demonstradas, como seria a visão de um evangélico ou de uma congregação, ao ver que um companheiro desejasse ingressar, ou estivesse diretamente ligado à política?

Você vê que esse período basicamente era difícil ver uma relação firme entre a religião e a política. Por exemplo, um cristão queria entrar na carreira política. Era uma “coisa” completamente ignorada! Ele era mal visto até pelo fato de estar desejando aquela vocação, então isso era totalmente ignorado pela congregação de que era muito forte esse afastamento da igreja evangélica em relação à política. Isso era incompreensível e palpável no seu comportamento, no seu discurso teológico. Observa-se que um membro que quisesse ingressar politicamente era não somente ignorado como era “perigoso”, algo que estava aquém de um cristão.

Entrevista feita ao Senhor Urbano dos Santos, integrante da Igreja Congregacional Conservadora do Brasil, em Campina Grande, Paraíba, no dia 15 de fevereiro de 2007.

O senhor poderia passar alguma informação da atuação das igrejas evangélicas, inclusive a sua experiência com a Igreja Congregacional, do qual o senhor partilhou momentos entre os anos 1960. Até que ponto a igreja evangélica se expandiu na cidade de Campina Grande?

Eu me converti ao evangelho em 1960, assim sendo faz 47 anos que nos somos evangélicos. Nesse período até 1966, éramos membros da Igreja Congregacional da Treze de Maio, que a referida fazia parte da União de Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil. Em 1966, houve uma divergência, pois o pastor da nossa igreja, Neemias, influenciados por outros movimentos, formou um movimento muito influenciado pelo Pentecostalismo. E algumas outras coisas. Então diante desse sistema, nos não concordamos. A igreja tinha mais ou menos 600 membros, de mais ou menos 300 membros que não aceitaram este tipo doutrinário. Então ficamos a nos congregar em outro lugar daí foi convidado pra ficar um pastor do Rio de Janeiro, de saudosa memória, Pastor Armando Torres Vasconcelos, um homem de Deus, segundo as doutrinas primitivas congregacionais. Ficamos-nos congregados em outro lugar, pastoreados pelo pastor Armando. Nós tomamos parte da união das Igrejas Congregacionais do Brasil e a igreja que fazíamos parte anterior ficou como Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais. Agora na ultima década a união introduziu nesse sistema que a referida Igreja primitiva tinha também tomado parte e por causa disso houve uma outra divisão. Hoje nós somos membros da Igreja Evangélica Congregacional Conservadora do Brasil, presidido pelo Pastor Demecir Rocha de Oliveira. E graças a Deus estamos muito felizes, satisfeitos, em primeiro lugar por sermos crentes em Jesus Cristo, e também porque não somos aqueles que usam o ascetismo. Nos apenas discordamos com os sistemas doutrinários que são divergentes do nosso, mas para nos as igrejas são perfeitamente evangélicas e somos achegados a todos os irmãos. Para mim o que vale é quando o pecador aceita o plano salvador.

Em relação ao período dos anos 1960, todo esse processo de expansão teve a presença de uma unificação a partir do ecumenismo. Na década de 1960, havia essa particularidade mais assídua de uma união das igrejas evangélicas, ou o trabalho dessas igrejas era realizado de maneira mais individual?

Para mim, esse ecumenismo sempre existiu. O pastor Neemias do Rio de Janeiro era quase o fundador desse ecumenismo. Pessoalmente falando, eu nunca concordei, pois havendo essa mistificação de várias doutrinas, cada um acha que a sua é que está correta. Ali vêm vários sistemas, que para fazer uma unificação era muito difícil. Ou você é ou não é. Eu acho que o ecumenismo não foi e não é muito certo. Diferente de ontem, os nossos dias estão mais presentes com a divulgação de eventos e propagandas, em que nós podemos ver na Consciência Cristã e na Nova Consciência toda essa "mistura". Mas a Consciência Cristã é que se prega mais a palavra do Evangelho, diferente da Nova Consciência onde se há mais uma mistificação das coisas.

Como a Igreja Congregacional era organizada e vista pela sociedade?

Era muito bem organizada, aliás, é a primeira igreja evangélica em Campina Grande. Inicialmente antes de o evangelho ser pregado em Campina Grande. Na época, era o pastor Ximenes, muito seguro nas doutrinas congregacionais e passou, durante todos esses anos,

como líder. Depois houve essa infiltração e divergência com outras doutrinas e daí ocorreu essa divisão.

Com relação à própria política da época, a política de regime militar era bastante contestada, alguns diziam que a igreja evangélica tinha um posicionamento passivo diante do processo ditatorial no Brasil, incluindo Campina Grande. Isso era visto desta forma? De que maneira a igreja evangélica reagia ao discurso político e ao momento de repressão?

Eu sei que, para o evangelho, houve sempre perseguições. Mas como igreja em Campina Grande, nós dávamos muito bem com os políticos de Campina. A maioria assistia os nossos trabalhos, era tudo harmonizado e sem empecilho. Eu me lembro muito bem que, em um dos aniversários de nossa igreja, o prefeito de Campina Grande assistiu com toda a família e também o deputado Raimundo Asfora teve parte, foi um dos convidados, o pastor deu a palavra pra ele. E falou com sua eloquência, agradecendo, etc. Sempre tivemos boa harmonia com todos os políticos. Nós temos orgulho de sermos os pioneiros do evangelho, do congregacionalismo em Campina Grande. É assim que trabalhamos, com boas amizades, sem problema algum.

O senhor acha que a própria política atrapalhou ou atrapalha o desenvolvimento das igrejas quanto a sua expansão? O senhor pode exemplificar no caso de Campina Grande?

A parte propriamente dita na palavra diz que o evangelho é importante para o cristão, portanto, quem conhece, sabe que outros casos, como o da política, são assuntos secundários. A política tem suas atividades, mas acho que não há empecilho entre política e religião. Cada um faz a sua parte.

Como era a reação do catolicismo, então religião predominante, diante do crescimento da esfera evangélica, em Campina Grande?

Eu pelo menos tenho um testemunho. Eu fui muitíssimo perseguido por ex-padres daqui, e ele chegou a me desclassificar pessoalmente, abatendo minha moral, por todos os lugares que eu ia. Depois houve um frade muito conhecido que fez a mesma coisa. Mas depois a Igreja Católica ia aos poucos deixando de perseguir a nossa Igreja, o que facilitou o nosso trabalho em Campina Grande.

Entrevista feita ao Senhor José Farias de Albuquerque, integrante da Igreja Batista Bíblica (ex-membro da Igreja Assembléia de Deus de Campina Grande) em João Pessoa, Paraíba, no dia 18 de março de 2007.

O senhor sabe dizer se os alunos da escola dominical aprendiam alguma coisa que dizia respeito ao Brasil ou os dias comemorativos, como Dia da Bandeira ou a Independência?

Havia sim. Eu me lembro que, no tempo em que chegava o dia da Independência, o dia 7, havia como uma homenagem, onde o pessoal da escola das crianças se reunia num espaço grande e lá se cantava o Hino Nacional. Depois os alunos apresentavam trabalhos feitos a pedido da professora. Todo o trabalho tinha a bandeira ou alguma coisa que lembrava as cores da bandeira do Brasil. Geralmente os irmãos faziam isto com as crianças. Enfeitavam a sala de aula e faziam trabalho sobre a bandeira, sobre Dom Pedro I e os personagens da História do Brasil. Pra mim, não acho errado, porque todo cristão, além de ter sua fé, também ama seu país, valoriza do lugar onde mora. Desde que não venha a ferir os princípios do Cristianismo, acredito que é importante fazer esse trabalho com os jovens.

O senhor já participou de alguma manifestação religiosa de sua Igreja? Como eram os programas da igreja fora do templo?

No tempo em que fazia parte da Igreja da Antenor Navarro, os irmãos fizeram uma reunião na Praça da Bandeira, onde não só a gente pregava o evangelho, como também conversávamos sobre os problemas da cidade. A violência que havia na cidade já estava incomodando as pessoas com quem a gente conversava, como foi o caso dos "Mão Branca". Aí os irmãos que eram os líderes da igreja pregavam a palavra de Deus, para esclarecer pela bíblia porque esses problemas acontecem, a violência. Lembro que um antigo pastor da igreja, pastor Apolônio, gostava de pregar o evangelho e fazer esses trabalhos no centro, lá na Praça da Bandeira e também em outros lugares. Eu ajudava na distribuição de material e na arrumação do lugar, inclusive como diácono. Acho que não tem muita diferença com os programas da igreja hoje. Só vejo que as igrejas estão muito misturadas, realizando grandes programas como a Consciência Cristã. Minha opinião é que antes, o evangelho era melhor falado, porque era uma coisa mais próxima das pessoas. Nós íamos e conversávamos com as pessoas, além de lermos a bíblia.

Os anos 1970 e 1980 foram marcados pela presença do poder político, sob o comando dos militares aqui no Brasil. O senhor acha que a igreja tinha alguma relação com a política, nesse tempo? Em alguma vez, houve comentários sobre política dentro da igreja?

Bem, acho que não havia muita coisa da igreja que eu congregava com os políticos. Eu nunca vi, pelo menos eu, um político que viesse pra pedir voto ou pra dizer que era vereador no meio da nossa congregação. Antigamente até mesmo o assunto sobre política era evitado. É muito polêmico porque a política fazia com que alguns irmãos às vezes não se entendessem, porque tinha um irmão que apoiava um candidato, outro não concordava. Era muito polêmico e, pra não ter problema de desavença, a gente evitava comentário. Eu achava que os políticos não eram tão ruins como são hoje, pois alguma coisa já era feita no meu tempo, pelo menos quando eu era assembleiano.

O senhor foi membro da Igreja Assembléia de Deus há algum tempo, mas agora frequenta a Primeira Igreja Batista de João Pessoa. O senhor poderia explicar como foi essa mudança de religião? Porque o senhor tomou essa decisão?

Isso aconteceu antes de eu me mudar para cá. Eu tenho um cunhado que é membro da Igreja Batista faz uns trinta anos. O Alberto gostava muito de conversar sobre a bíblia, a palavra de Deus, principalmente quando o assunto era sobre dons de língua. Ele dizia que nem sempre a língua proferida era a dos anjos. Portanto, tinha que ter muito estudo, conhecer sobre a palavra para que o cristão não fosse enganado pelo inimigo. Minha esposa também sempre foi da Igreja Batista, e isso aos poucos foi me balançando para ir frequentar a sua igreja. Mas eu tinha muitos amigos na Igreja Assembléia de Deus, sem contar que eu era diácono. Eu particularmente acho que não há muita diferença entre as duas igrejas, porque quando os irmãos costumavam fazer cultos em outros lugares fora da igreja, sempre vinham irmãos de outras igrejas, participavam das músicas, fora que os pastores das igrejas pregavam o evangelho. Eu gostava disso e acho que não há problema em fazer um programa evangelístico com pessoas de outra igreja, desde que exista respeito. Também eu vim para João Pessoa e, por isso, também a mudança foi responsável para que eu fizesse parte da Igreja Batista.

O que o senhor acha dessas mudanças que estão acontecendo nas igrejas evangélicas, onde os líderes e alguns praticantes estão aproveitando muitos elementos da cultura, como a música, nos cultos ou nos eventos?

Eu particularmente não sou muito a favor dessas coisas, apesar de que os jovens é quem estão fazendo esse tipo de trabalho. O culto jovem é que têm muitas dessas coisas, de às vezes misturar rock com música cristã. Eu não me simpatizo com isso, mas acho que se os jovens fazem isso, para louvar na igreja, desde que seja para o bem, melhor que eles façam isso dentro da igreja do que fora. Meu menino, o Jonas, gosta muito de tocar violão e guitarra, inclusive gosta de tocar com os colegas da igreja nos fins de semana. Quando irmãos de outras igrejas convidam, eles vão pra tocar, e meu filho acompanha o grupo pra tocar guitarra. Então eu não me importo muito com o que meu filho faz que é tocar uma música como rock, desde que não seja mundano.